



Nathalie Trutmann

MANUAL PARA JOVENS SONHADORES

ALGUMAS VERDADES QUE VOCÊ SEMPRE QUIS OUVIR

ilustrações por Emily Chen

Para meus pais, Chonci e Joseph,
e meus filhos, Sanchis e Panchis

AGRADECIMENTOS

Este livro não teria sido possível sem a ajuda de muitos outros sonhadores.

Gostaria de agradecer a Ana Mendes e Andreza Tibana, pelo maravilhoso trabalho corrigindo meu terrível portunhol, e Juliana Reyes e Samir lásbeck pela ajuda com o site.

A Emily Chen, que criou o lindo design do livro lá no Canadá, sem entender uma palavra de português.

A William Hertz, por gentilmente ceder a fabulosa frase: "Atreva-se a fazer um cocô federal".

Aos meus queridos Pati, Cris e Claus, pelas nossas infinitas conversas e ponderações filosóficas sobre os nossos caminhos, o sentido da vida e todas as outras maluquices que conseguiram se impor durante os nossos almoços e conversas.

A todos os que dedicaram tempo para ler e dar sua opinião a respeito deste livro: Amit Garg, Thales Willian, Bedy Yang, Silvia Valadares e Ivan Costa.

À FIAP, pela visão e magnífica oportunidade de atuar como agente de inovação e ter tanta liberdade para criar e fazer coisas fora da caixa que ajudem na transformação da nossa proposta educacional.

Ao Colégio Etapa, pelo convite para falar sobre empreendedorismo com seus alunos.

Um agradecimento muito especial a Eduardo Lyra e Bel Pesce pela motivação e apoio durante todo este processo.

E a Guga por ser meu companheiro nesta jornada maluca.

SUMÁRIO

Prefácio por Eduardo Lyra

Introdução por Bel Pesce

1. A mágica por trás das nossas mentiras
2. O valor de seguir um sonho
3. Muitos caminhos, muitas vidas
4. Virar-se com pouco e com muitos problemas
5. Muitos amigos malucos e otimistas
6. Gerenciando os nossos pais e outros adultos
7. Um regime cheio de viagens e livros
8. O mundo é dos sem-vergonha
9. A procura da sorte
10. Atreva-se a fazer um cocô federal
11. Sonhar é de graça

Referências

PREFÁCIO

Meu primeiro contato com a Nathalie Trutmann foi por e-mail. Ele aconteceu graças a uma conexão feita por Isabel Pesce, que se tornou, como diz o fundador da Wise Up, Flávio Augusto da Silva, "tesouro nacional". No e-mail, Bel dizia que Nathalie é uma pessoa incrível, e que eu deveria fazer todo o esforço do mundo para conhecê-la pessoalmente e compartilhar ideias com ela.

Pessoas acima da média como Nathalie possuem algo em comum: agenda intensamente cheia. Diante disso, passei quase um ano à espera do encontro. Foi quando, de repente, recebi uma mensagem pelo meu perfil do Facebook, por meio da qual ela me fazia um convite para me apresentar em uma aula sobre empreendedorismo.

Daí surgiu a chance de conhecê-la pessoalmente. Era a manhã de uma quarta-feira nublada. Ela havia acabado de encerrar uma palestra para executivos de grandes empresas. Nathalie usava calça jeans, camiseta branca e sandálias, e carregava uma mochila pesada nas costas. Na primeira troca de olhares, ela sorriu e disse, com um tom de voz manso e sereno: "Você é o Edu! Que prazer lhe conhecer." O sorriso de Nathalie era sincero. E seu olhar, carregado de generosidade.

Após alguns minutos de espera, entramos em um carro e seguimos para a aula. Seria a viagem mais marcante da minha vida. Nathalie me pediu para relatar a minha história, e se calou. Ela ouvia de verdade cada palavra que eu dizia e viajava na minha trajetória de tentativas, perdas, persistência, recomeços e sonhos.

Quando eu dava por terminada a minha narrativa, ela fazia mais uma pergunta, e depois outra, e outra. Enquanto eu falava, me perguntava: "Como uma pessoa com tanta bagagem cultural, que viajou boa parte do mundo, que tem amigos executivos de grande representatividade, tem tanta disponibilidade para ouvir

um menino de 24 anos e se importar tanto com cada detalhe da minha história?"

Quando decidi falar, Nathalie me fez acreditar que cada um dos meus sonhos eram – definitivamente – possíveis de ser realizados. Ela conduzia a fala de um jeito diferente, seu repertório não estava limitado ao usual. Ela utilizou exemplos de pessoas realizadoras de várias partes do mundo, de forma mágica, encantadora e apaixonante.

Assim que chegamos à escola, os alunos a receberam com calor. Na verdade, não parecia que era o início de uma aula, mas sim de um show. E realmente foi! Nathalie ensinava a turma a pensar fora da caixa, como empreendedores que desejam mudar o mundo. Não tem como ensinar alguém a mudar o mundo, mas é possível despertar a paixão para isso.

No final da aula, a turma fez questão de contar os seus sonhos. Lembro-me de um rapaz que havia montado um blog sobre futebol, mas estava desanimado porque não sabia como aumentar o número de acessos. Nathalie desaguou uma torrente de possibilidades para escalar visualizações, tornar o conteúdo mais atrativo e, possivelmente, conseguir recursos.

Muitos deles disseram que jamais imaginaram que seriam empreendedores, mas que mudaram de opinião quanto a isso. São jovens que futuramente vão construir sua própria companhia, gerar emprego, renda e crescimento para o País. Serão líderes e colaboradores para o avanço social.

Nathalie estava encorajando jovens a experimentar uma palavra tão esquecida: SONHAR. E o Brasil precisa de sonhadores que desafiem o impossível, que travem batalhas, que virem o jogo, que recomecem. E que, incrivelmente do nada, encontrem o caminho certo e cheguem ao que desejam.

Ah, como seria bom se todo brasileiro tivesse a chance de passar um dia com Nathalie! Mas, diante da agenda apertada, você poderia passar até um ano na fila de espera. Por outro lado, ao ler este livro, você terá a oportunidade de ficar pertinho da alma da escritora e descobrir um roteiro – totalmente fora do padrão estipulado pela sociedade – que lhe fará sonhar e realizar. Nesta obra você terá a certeza de que todo mundo pode ser tão grande, tão apaixonado, tão diferente e tão louco quanto quiser.

EDUARDO LYRA, JORNALISTA E AUTOR DO LIVRO *JOVENS FALCÕES*

INTRODUÇÃO

Imagine se você pudesse desenhar um mundo novo. Completamente novo. Esqueça todas as coisas como elas são. Escolas, trabalhos, profissões, regras, expectativas.

E se tudo estivesse ao contrário? E se houvesse uma maneira muito mais deliciosa, linda e recompensadora de viver nossas vidas? Imagine se todos os dias você pulasse da cama com uma vontade inexplicável de aprender e crescer.

A vida é um presente. Muitas vezes nos esquecemos disso, preocupados com pequenos problemas do dia a dia em uma sociedade cheia de regras e expectativas, em vez de lembrar que as escolhas são nossas, e de mais ninguém.

Uma das melhores coisas dessa vida é a capacidade que temos de sonhar. Jovens, essa habilidade que temos de sonhar e acreditar que tudo é possível é o maior bem que possuímos.

E sabe o que é o mais legal? Quando se trata de sonhos, o que mais conta não é alcançá-los. O que mais conta é a jornada. A jornada é, no final, a nossa vida.

Agarre-se em seus sonhos com toda a intensidade. Não se preocupe se ninguém os entender, o importante é que você não minta para si mesmo. Se os sonhos fizerem sentido para você, a jornada será deliciosa!

Mas qual é o segredo para realmente se agarrar aos seus sonhos sem se preocupar com um milhão de outras coisas? Ah, a solução é mais simples do que você imagina. Neste livro, a Nathalie vai lhe contar as verdades mais bem escondidas, verdades que lhe farão perceber que você pode desenhar um mundo completamente novo o seu mundo.

BEL PESCE, EMPREENDEDORA E AUTORA DO LIVRO *A MENINA DO VALE*





Capítulo 1

A MÁGICA POR TRÁS DAS NOSSAS MENTIRAS

.....

"Suas ações falam tão alto que quase não consigo escutar o que você está dizendo."

.....

– R.W. EMERSON

A primeira vez que eu me lembro de ter mentido foi por prazer.

Eu acho que tinha uns seis anos e estava no supermercado com minha mãe quando falei para ela que só ia dar uma volta para ver alguma coisa e que já voltava.

Não lembro que coisa era essa ou se foi um ato premeditado de minha parte, mas o certo é que fui até a seção de balas e chocolates e ali estava, em uma prateleira do meio, como se estivesse esperando por mim, uma barra de Toblerone aberta. O alumínio tinha sido rasgado e os picos do delicioso chocolate se vislumbravam em toda a sua glória – e antes que a razão pudesse me impedir, meu apetite voraz se apoderou de mim e peguei um desses maravilhosos triângulos.

Apesar da minha felicidade, quase não consegui desfrutar daquela deliciosa e crocante massa derretendo sobre a minha língua – tive muito medo e engoli o mais rápido que pude antes de correr de volta para o lado da minha mãe. Só que depois de alguns segundos meu apetite voraz se apoderou de mim novamente e aí, em um perfeito ato premeditado, falei que "só ia dar uma voltinha" outra vez e desapareci de sua vista.

Com a adrelinha correndo pelas minhas veias, peguei três triângulos de uma vez só e enfiei todos na minha boca antes de correr de volta para o lado da minha mãe. E, novamente, depois de alguns breves instantes, meu apetite voraz (e tão incontável) tomou conta de mim e voltei a mentir e a desaparecer da sua vista.

Dessa vez, peguei o que restava da barra de chocolate e escondi embaixo da minha camiseta. Fui sentar debaixo de uma caixa no canto que estava vazia e comecei a relaxar, pensando em saborear o resto da barra, quando alguma coisa me fez olhar para cima. Ali estava, olhando para mim, a enorme e aterradora cara do segurança que normalmente ficava do lado da porta de saída. Lembro-me do medo que senti, como se ele estivesse apontando uma arma para mim, e de só querer sair correndo o mais rápido possível. Mas mal conseguia respirar, e em vez disso fiquei ali paralisada com meu coração martelando dentro da minha garganta e o chocolate derretendo em minhas mãos.

No fim minha mãe me fez pedir desculpas, e não ficou tão furiosa como costumava ficar quando eu fazia alguma coisa errada (provavelmente estava rindo por dentro pensando na gulodice da filha), mas eu estava acabada. A vergonha de ter sido descoberta foi castigo suficiente.

Lembro que o resto das minhas mentiras durante esses anos de pré-adolescência e adolescência foram muito menos criminais e gulosas (apesar de que o chocolate sempre me pareceu ser um tesouro escasso na minha casa, pelo qual meus irmãos e eu sempre lutávamos), e mais motivadas pelo simples prazer da diversão e pelo fato de conseguir fazer travessuras sem que meus pais percebessem e me castigassem. Houve as mentiras clássicas para ficar mais tarde na balada, ir à casa de alguém e esconder minhas notas baixas.

Mais perto dos meus dezoito anos e do começo da faculdade, alguma coisa começou a mudar, e a motivação por trás das minhas

mentiras também: em vez de procurar fazer travessuras, meu foco começou a ser influenciado pelo meu desejo de querer virar adulta. Não se tratava mais só de diversão, mas de ser aceita pelos outros e de ser vista como alguém que estava destinada para o sucesso.

Eu cresci na Guatemala e, desde muito pequena, sempre sonhei em viajar pelo mundo.

Para quem não conhece, a Guatemala é um país muito pequeno que fica embaixo do México e é mais conhecido pelos seus vulcões, guacamoles, ruínas maias e (infelizmente) violência. Recentemente tivemos nosso primeiro ganhador de medalha olímpica na história do país, e a primeira coisa que ele fez depois da conquista foi se ajoelhar e pedir pela paz em seu país.

Meu pai trabalhava em uma empresa multinacional e, cada vez que ele saía de casa com o passaporte vermelho em uma mão e a mala preta na outra, eu morria de vontade de sair correndo atrás dele. Não via a hora de terminar a escola. Ele tinha me prometido que eu poderia cursar a faculdade nos Estados Unidos, e o que eu mais queria era sair desse país pequeno, ser independente e poder ver o mundo.

Mas na hora de ir para a faculdade tive um problema.

Com dezoito anos de idade eu achava que queria estudar jornalismo. Não é terrível quando as pessoas começam a perguntar: "Então, o que você quer fazer?", e você só consegue pensar na menina ou no menino que está sentado ao seu lado? Nem os adultos sabem o que querem fazer muitas vezes, como vai um adolescente saber responder a uma pergunta dessas?

Como eu gostava muito de ler, achei que o jornalismo seria meu caminho. Só que eu tentei entrar para apenas uma faculdade, e

não fui aceita. Já bem em cima da hora e louca para sair de casa, fui ao escritório do orientador vocacional da minha escola para tentar descobrir o que eu poderia fazer. Achei o catálogo de uma faculdade com fotos de praia que ainda aceitava aplicações em período posterior, e, sem ter ideia alguma do que iria estudar, decidi que esse seria meu lugar. Então, mandei minha aplicação.

Para minha alegria eles me aceitaram e, depois da minha graduação, meu pai me levou para Los Angeles a fim de me deixar instalada na minha nova casa, um predinho azul e branco destinado a alunos estrangeiros. Mas, apesar de me deixar longe, ele manteve um controle estrito dos meus estudos (como tinha feito comigo durante toda a época da escola) e pediu para que eu mandasse minha agenda da semana para ele poder ver o que eu estava fazendo com o meu tempo (e seu belo investimento).

Eu não pensei em esconder dele as aulas eletivas que o sistema de faculdade americana permitia durante os primeiros anos e que eu tinha escolhido – redação criativa e teatro –; incluí-as na minha primeira agenda que mandei para ele. Mas, para minha surpresa, ele ficou preocupado, questionou o porquê dessas aulas e pediu para eu trocá-las por temas mais produtivos como computação ou matemática.

"Mas você acha que vai virar escritora ou atriz, por acaso?", perguntou ele.

Morri de vergonha e de insegurança, e não tive coragem para mentir ou para convencê-lo para que me deixasse continuar com esses temas. Mudei as aulas e me inscrevi em biologia marinha, porque era o que estava na moda na Califórnia e eu tinha ouvido falar que o professor era muito legal, que contava sobre suas aventuras morando em uma cápsula embaixo do mar e que fazia várias excursões à praia com seus alunos.

Durante esses anos de faculdade me lembro de que continuei mentindo de vez em quando, mas era mais para conseguir fazer alguma viagem ou aventura que não estivesse dentro do que meus pais tinham autorizado. Lembro que uma vez menti e falei que tinha ganhado uma bolsa para fazer um curso de verão em uma ilha no Caribe, e assim consegui

passar um mês mergulhando e colecionando conchas na ilha de St. Thomas. E em outra ocasião menti que iria fazer alguns cursos importantes em outra faculdade para poder ficar acampando com minha melhor amiga nas praias e florestas no norte da Califórnia.

Durante esses anos de faculdade me lembro de que continuei mentindo de vez em quando, mas era mais para conseguir fazer alguma viagem ou aventura que não estivesse dentro do que meus pais tinham autorizado.

Foram quatro anos cheios de sol, praia e liberdade e, no final do último ano, já perto da graduação, comecei a ficar muito preocupada, porque não queria ter que voltar para a Guatemala e para a minha vida de antes.

Assim, comecei a procurar trabalho para poder estender minha estadia nos Estados Unidos e para aproveitar o ano de visto que eles outorgavam para estudantes estrangeiros. E foi nessa procura que percebi que, se queria arrumar algum tipo de trabalho, ia precisar mentir um pouco, não porque eu quisesse, mas pelas perguntas que os entrevistadores me faziam.

Como aconteceu quando fui entrevistada em um laboratório renomado e a pesquisadora me perguntou se eu teria algum problema em ter que quebrar os pescoços das centenas de ratos que ela usava para a sua pesquisa.

“Não, imagine, não tenho nenhum problema em matar seus ratinhos”, respondi com a minha melhor cara de mentirosa.

Aliás, sempre sonhei em passar meus dias quebrando pescoços de ratões, pensei comigo mesma.

Por sorte, não enganei essa cientista com cara (e provavelmente espírito) de Hitler e não consegui esse trabalho.

Continuei fazendo todo o tipo de entrevista, no final a única coisa que eu queria era ficar nesse paraíso de liberdade, e, no final, com algumas outras mentiras mais bem formuladas, consegui convencer um laboratório de biologia molecular que limpar e medir os tubos de ensaio dentro de uma sala subterrânea era algo que me deixava totalmente apaixonada.

Finalmente adulta!

Eles me contrataram e comecei a ganhar pela primeira vez meu próprio dinheiro! O meu futuro estava garantido, e meus pais estavam super orgulhosos com sua filha prodígio.

Só que, depois das primeiras semanas de novidade e êxtase, comecei a me sentir deprimida com aquele trabalho tão monótono (para onde tinham ido todas as teorias e fórmulas que tínhamos aprendido nas salas de aula?!) e com aquele ambiente de laboratório asséptico, onde não entrava a luz do dia e existia um cheiro permanente de álcool. Eu tinha que usar uma bata branca, luvas e óculos de acrílico o dia todo, e, fora isso, não havia ninguém mais além de um par de outras pessoas fazendo a mesma coisa que eu.

Agüentei alguns meses, mas a cada dia ficava mais deprimida com o que até hoje foi o trabalho mais monótono que já fiz na minha vida (porque ninguém tinha nos explicado na aula de biologia o que significava controle de qualidade?), limpando e medindo tubos de ensaio. Até que um dia minha chefe me chamou para me dar o resultado da minha avaliação pelos meus primeiros três meses de trabalho.

"Seu trabalho e seu cuidado com as medições está deixando muito a desejar", falou-me ela com um sorriso malvado de orelha a orelha.

Enfurecida, saí aquele dia sem limpar minha estação de trabalho e, com o coração partido (como seria voltar a viver sem a praia por perto e com meus pais?), decidi voltar para casa.

Meu pai ficou furioso. Nos olhos dele eu tinha jogado tudo pela janela só porque tinha me deparado com um obstáculo e eu não tinha aprendido a lidar com as verdadeiras dificuldades da vida. Eu tentei explicar, mas ele sabiamente falou que estava na hora de me virar sozinha. Assim, sem muito tempo a perder, comecei a procurar trabalho e a participar de novas entrevistas, e rapidamente percebi que ia precisar mentir novamente, não porque eu quisesse, mas pelo tipo de perguntas que me faziam: "Então, o que você quer ser daqui a 10 anos?"

O que eu não daria pelo que sei hoje aos quarenta anos!
A única coisa que eu então sabia com meus vinte e poucos anos era que eu queria viajar e ter tempo para ler livros e conhecer pessoas interessantes, mas sabia bem que esse tipo de resposta não ia me levar muito longe.

Tinha que falar de objetivos e carreira, de metas e responsabilidades, não de sonhos sem pés nem cabeça. Como era astuta, rapidamente aprendi a mentir e dar as respostas certas, aquelas que os

A única coisa que eu então sabia com meus vinte e poucos anos era que eu queria viajar e ter tempo para ler livros e conhecer pessoas interessantes, mas sabia bem que esse tipo de resposta não ia me levar muito longe.

entrevistadores queriam ouvir, e assim, em menos de um mês, consegui o trabalho dos sonhos (do meu pai!): uma posição de gerente de produto em uma das maiores empresas farmacêuticas, que prometia uma carreira cheia de oportunidades. Na verdade, a única coisa que tinha me empolgado foi saber que haveria muitas viagens relacionados ao trabalho.

Mas, como diz o velho ditado, a mentira tem perna curta, e não só porque os outros ficam sabendo a verdade. Eu tinha mentido para conseguir aquele emprego e acabei me enfiando em outro trabalho de que eu não gostava, em razão do qual, depois de um par de meses, quando a novidade tinha passado, eu já queria pular pela janela.

Por sorte não pulei – e, graças a um chefe excepcional e compreensivo, consegui conter minha impaciência por alguns anos antes de voltar a pensar em como sair viajando pelo mundo.

Nessa época e já com uns vinte e seis anos, fiquei sabendo que existia um tal de MBA internacional. Pensei que fazer isso poderia me abrir portas para trabalhar em funções e países diferentes, e, assim, continuar com meu sonho de visitar outros países.

A verdade era que eu não queria fazer um MBA, e sim apenas viajar para conhecer pessoas e lugares interessantes.

Só que expôr isso para o meu pai ou para o meu chefe era inviável, eles teriam falado que não tinha condições de eu largar um emprego tão bom como aquele para virar mochileira. No mundo deles, simplesmente não existia a ideia de dedicar um ano para viajar sem propósito.

A verdade era que, já com vinte e seis anos e a minha liberdade financeira conquistada, eu tinha passado para uma etapa seguinte e muito mais compulsiva do mundo dos adultos, a do reconhecimento, em que as marcas e os títulos não são

apenas muito importantes, são tudo. E assim, sem muita conversa e sem muita reflexão, segui as etapas necessárias com as minhas melhores mentiras e fui aceita para fazer o famoso e tão venerado MBA.

“Mas você pagou por um MBA, não é?”, perguntou-me um colega de classe depois de alguns meses juntos no programa e de ouvir minhas queixas constantes sobre o curso e as pessoas que só sabiam falar de dinheiro.

Apesar de a faculdade ser muito prestigiada e de estar em uma linda floresta na França, eu me sentia mais infeliz do que nunca. O programa era muito competitivo e as notas eram dadas em curva. Assim, para alcançar o mínimo a fim de me graduar, eu tinha que passar meus dias sentada na biblioteca de manhã à noite, lutando para entender e memorizar derivadas e fórmulas que me pareciam estar escritas em chinês, e ainda assim mal conseguia passar nas provas.

Para mim, foi um pesadelo que não tinha fim, que se estendeu mesmo quando terminei o MBA e comecei a participar das entrevistas com as empresas que vinham recrutar na faculdade. De repente me vi ainda mais perdida do que antes de ter começado, sem um claro sentido de identidade e com falta da autoconfiança necessária para poder enfrentar toda a maratona de entrevistas. Novamente minha mentira tinha me atingido e eu me via presa a um caminho que não era o meu.

Enquanto a maioria dos meus colegas do MBA arrumavam empregos facilmente em consultorias e bancos de investimento, eu fracassava em cada entrevista. Era como se tivesse perdido meu norte, não sabia mais o que eu queria fazer. Depois de todo esse investimento, eu me sentia a maior perdedora.

No fim, consegui arrumar um emprego na área de marketing em uma empresa renomada, mas em cima da hora desisti. Por sorte, consegui perceber a tempo que morar no meio do nada na Inglaterra vendendo margarina não tinha nada a ver com meu sonho de vida.

Em vez disso, para o horror de meu pai e colegas do MBA, e contra todo o senso comum depois daquele investimento, fui me refugiar em Utila, uma ilha na baía de Honduras, onde arrumei um trabalho voluntário para cuidar de uma espécie de iguana em extinção. Em troca, eu tinha um lugar onde dormir e durante as minhas horas livres eu podia fazer aulas de mergulho.

Minha mãe tinha ficado assustada ao ver o estado psicológico com que eu tinha voltado para casa e me falou que ela me ajudaria a reservar um tempo para pensar no meu próximo passo.

Demorei alguns meses, sarando minha alma debaixo do sol, até me sentir pronta para encarar o mundo real novamente e começar a procurar um emprego. Ainda não tinha descoberto (na verdade não queria admitir para mim mesma) o que queria fazer e, para encurtar a história, voltei a conseguir um emprego na área de marketing em uma empresa multinacional, que me seduziu pelas promessas de viagens que vinham com o pacote.

Mas por muito tempo eu achei que era a única pessoa frustrada com o dia a dia do meu trabalho, a única que ficava aborrecida com as planilhas e reuniões intermináveis sem uma causa importante (*Será que o mundo realmente se importava se não atingíamos a meta de vendas?*), já que o restante de meus colegas de trabalho sempre pareciam estar muito satisfeitos com aquelas tarefas, que para mim não tinham sentido.

Procurei terapia e todo o tipo de curso que promettesse me ajudar a tirar a frustração que eu tinha dentro de mim, mas nada, e aquele tédio continuava. Muitos me falavam que a vida é assim

e que não adiantava reclamar, todos tínhamos contas para pagar e responsabilidades para assumir. Não dava para ficar imaginando se havia outro tipo de vida possível.

Mas, pouco a pouco, comecei a ver que cada vez que eu admitia minhas dúvidas e frustrações, alguns dos meus colegas também passaram a admitir as deles, e que no final não tinha nada de estranho com os sentimentos que eu tinha (e me cobrava!).

Que formidável surpresa!

De repente me deparei com a maravilhosa verdade que todos escondiam – e com o fato de que tinha muitos, mas muitos outros colegas igualmente perdidos e insatisfeitos como eu.

Como a maioria de nós já fazia parte do mundo dos adultos (nessa época eu já tinha passado a assustadora idade dos trinta), com famílias e contas a pagar, não poderíamos simplesmente fugir de algo de que não gostávamos (como eu tinha feito tantas outras vezes).

Mas que felicidade saber que eu não era a única pessoa com esses sentimentos e que não se tratava de nenhum problema psicológico específico meu – era um mal generalizado! Ninguém estava feliz nesses trabalhos sem propósito, preenchendo planilhas que não tinham fim e assistindo a reuniões intermináveis.

Muitos me falavam que a vida é assim e que não adiantava reclamar, todos tínhamos contas para pagar e responsabilidades para assumir.

Esse entendimento me fez refletir sobre todas as mentiras que eu tinha falado para mim mesma e sobre como o que contamos

para os outros e para nós mesmos vai tendo repercussões enormes nas nossas vidas. Às vezes, só vamos entender tudo isso muitos anos depois. As mentiras que contamos para os outros são as mesmas que contamos para nós mesmos, e muito rapidamente as incorporamos e tomamos decisões baseados nelas, o que nos leva para caminhos que não são os nossos.

Também percebi que o interessante é que, quando a gente é jovem, mentimos para poder nos divertir, para testar os limites que nossos pais nos colocam, mas, conforme viramos adultos, começamos a mentir para tentar nos encaixar nesse mundo de gente grande, em que todos parecem entender as coisas da vida, e não ter dúvidas ou sentir que estão perdidos (o maior engano de todos). Entendi que começamos a mentir para parecer adultos.

As verdades sobre o que gostamos e o que não gostamos já estão dentro de nós (queiramos admiti-las ou não) – mesmo que pensemos que os adultos, por terem mais experiência, podem saber mais, ninguém sabe mais que nós de nós mesmos. Sim, mesmo aqueles que são mais velhos e que sabem muito; ninguém sabe melhor que nós o que nos faz felizes. E ninguém tem o poder de encobrir essa verdade mais do que nós mesmos.

O problema é que dá medo e vergonha – no nosso desejo de sermos aceitos, tentamos ser iguais aos outros (que também estão tentando ser aceitos) para que não nos chamem de malucos ou esquisitos –, mas o irônico é que muitas vezes as pessoas que conseguem transformar seus sonhos em realidade são precisamente aquelas que tachamos de malucas e esquisitas. Elas são as únicas que têm a coragem de falar e de mostrar: "É isso aí que eu sou, é disso aí que eu vou correr atrás, e não me importa se vou parecer diferente dos demais."

E os nossos sistemas educacionais (como foi o caso de meu MBA) também não nos ajudam, como explica muito bem Sir Ken Robinson na sua famosa palestra no TED (com mais de 13 milhões

de visualizações!) sobre por que as escolas matam a criatividade. Não acho que seja de propósito, mas sistemas que impõem que todos sejamos iguais e concorramos pelas mesmas notas sem espaço para valorizar e atender as nossas diversidades não ajudam os jovens a explorar sua voz própria e se animar a falar alto e claro: "Eu gosto disso", "Eu não gosto disso".

Assim, desenvolvemos dois tipos de mentira:

Mentira de criança = por prazer e diversão

e

Mentira de adulto = por reconhecimento e aceitação

E a santa trindade que alimenta a mentira de adulto:

Figura



Mas, por baixo dessa trindade, o que escondemos?

As coisas que realmente nos dão prazer e que achamos proibidas.

Figura



E essa é a mágica por trás das nossas mentiras.

Se por um momento silenciarmos o barulho de “o que diriam” e prestamos atenção na nossa coleção de mentiras, analisando o quando, o como e o porquê, podemos encontrar o nosso tesouro pessoal, aquilo do que realmente gostamos e o que realmente somos, e poupar a nós mesmos de muitas mentiras inúteis que só vão desperdiçar nosso tempo e ânimo. Só fazendo isso é que realmente poderemos correr atrás dos nossos sonhos e nos tornar protagonistas das nossas vidas (e não seguidores da vida e dos sonhos de outra pessoa).

VÍDEO SUGERIDO

Ken Robinson says schools kill creativity

(Ken Robison diz que escolas matam a criatividade):

www.ted.com/talks/ken_robinson_says_schools_kill_creativity.html





Capítulo 2

O VALOR DE SEGUIR UM SONHO

“O dinheiro vem e vai, mas o que você tem na mente ninguém tira de você.”

- DOMINIC TORETTO (VELOZES E FURIOSOS 5 - OPERAÇÃO RIO)

Por incrível que pareça, o valor de seguir um sonho não está no reconhecimento, na fama ou no dinheiro, apesar de que muitas pessoas acreditam nisso e vivem como se fosse assim.

O valor de seguir um sonho está nos detalhes do nosso dia a dia, no jeito que acordamos, se estamos animados ou desanimados, se sentimos uma preguiça terrível para sair de debaixo do cobertor ou se pulamos felizes pelo novo dia que nos espera, no jeito que tratamos a nós mesmos e aos outros, se nos sentimos amigáveis e generosos ou se ficamos com inveja e nos comparando com cada pessoa que passa na nossa frente.

O valor de seguir um sonho está nessa felicidade que nos permite passar horas fazendo o que gostamos, sem ter noção do tempo, e que nos dá a autoconfiança de nos sentirmos satisfeitos com o que temos. Quem é verdadeiramente feliz não precisa de muito.

O valor de seguir um sonho está nessa felicidade que nos permite passar horas fazendo o que gostamos, sem ter noção do tempo, e que nos dá a autoconfiança de nos sentirmos satisfeitos com o que temos.

Porque o nosso sonho, por melhores, inteligentes, competentes ou dedicados que sejamos, provavelmente vai demorar um tempo para virar realidade, já que as coisas normalmente não acontecem de um dia para o outro (e que bom que é assim, senão nos desviaríamos de todas as lições de perseverança que são tão valiosas). E é no caminho que conseguimos desenvolver as competências que precisamos para alcançar esse sonho.

Se focarmos só no dinheiro e na fama, nosso sonho pode virar só outro objeto de desejo que achamos que precisamos alcançar para sermos felizes. E, como no caso de qualquer outro objeto de desejo que logramos ter, seja um brinquedo, uma roupa, um *gadget* ou um carro novo, a novidade passa e logo voltamos a estar envolvidos naquilo de que achávamos que iríamos conseguir fugir – o tédio do nosso dia a dia quando estamos fazendo algo que não gostamos de fazer.

O que acontece frequentemente com um jovem que está se preparando para entrar na faculdade?

Ele pode, por exemplo, gostar de temas menos "sérios" como gastronomia, música, desenho e dança, mas, graças ao medo que a sociedade ao redor (muitas vezes seus pais, familiares e amigos) se encarrega de incutir nele, ele termina se convencendo de que essas seriam escolhas muito arriscadas, sem futuro certo ou garantias de sucesso.

Assim, ele opta por seguir alguma carreira mais tradicional ou segura como administração, engenharia ou medicina (nada contra elas), e embarca em uma jornada que não lhe pertence.

Muitas vezes, esse jovem não está nem pensando em como vai se sentir estudando esses temas, se de fato gosta de lidar com números ou com sangue nas mãos, e sim apenas na aceitação

das pessoas quando elas lhe fazem as clássicas (e tão temidas) perguntas a respeito do que ele vai estudar ou o que ele quer fazer da vida.

E é assim que muitos jovens começam a aventura da vida na faculdade, na qual já cedo se conformam ao "o que diriam" e param de ouvir a si mesmos.

Alguns chegam até a passar os quatro ou cinco anos de faculdade se questionando a respeito do motivo de não gostar do que estão estudando, por que não se sentem felizes e têm que se forçar a frequentar as aulas, enquanto outros, talvez mais corajosos ou mais sensíveis, percebem logo no começo que cometeram um grave erro e mudam de carreira.

Para aqueles que permanecem nesse caminho mais "aceito", como os que estudam administração de empresas (nada contra administração de empresas, mas parece ser a opção *default* para muitos daqueles que não têm a coragem de admitir aquilo de que realmente gostam), logo chega a etapa do primeiro trabalho e do primeiro salário.

E logo mais, depois que a novidade passa e que se acostumam à sua nova rotina de trabalho, surge aquela desconfortante pergunta (que, surpresa, vai continuar aparecendo e cutucando essas pessoas pelo resto das suas vidas).

"Mas é só isso?"

Desmotivado e aborrecido, o jovem, que neste exemplo vou chamar de Miguel, começa a procurar um novo emprego, ainda convencido de que tem que haver algo mais, algo melhor, com o qual ele realmente possa se sentir feliz e fazer a diferença - já que a verdade é que todos, sem exceção, padecemos da mesma necessidade de sermos autores das nossas vidas, de sentir que nossa existência faz alguma diferença (senão, qual é o ponto?)

e de querer encontrar um sentido para nós mesmos. Dessa forma, Miguel vai e arruma um novo emprego. Sem saber bem o porquê, o ciclo recomeça: ilusão ante a novidade, desencanto depois de alguns meses, desmotivação e mais do desconfortável e persistente: "Mas é só isso?". E novamente o ciclo recomeça na procura por algo melhor.

E, no meio de tudo isso, ele começa a procurar coisas que ele acha que podem preencher esse vazio e essa desilusão que ele sente dentro de si, no seu dia a dia – e nada como nossa fantástica sociedade para oferecer um amplo repertório de soluções prontas e tentadoras que prometem felicidade instantânea: pode ser um carro novo, um apartamento novo ou uma roupa nova.

Independente do que ele escolher, o fato é que são coisas, e só coisas, que rapidamente perdem seu brilho e caráter de novidade, deixando Miguel no mesmo lugar em que ele começou – no tédio de seu dia a dia –, com a diferença de que ele tem mais contas para pagar.

E Miguel continua em um trabalho no qual ele não se sente motivado e para o qual não acha propósito. Como já não tem a mesma facilidade para mudar ou desistir de uma vez por todas de quando ele começou – amarrado às despesas de todas as suas aquisições (na sua luta por parecer mais adulto) –, ele percebe que vai ter que tomar cuidado na hora de fazer uma próxima mudança.

E assim vão se passando os anos e, antes que ele perceba, sua vida se torna mais restrita e perde muito da liberdade que ele uma vez acreditou que teria para sempre.

E de repente, também sem perceber, ele começa a usar as mesmas desculpas "inteligentes" que a maioria dos outros adultos que não foram atrás de seus sonhos normalmente empregam para acalmar suas dúvidas e para soar como acham que uma pessoa mais sábia e madura deveria soar.

"Não dá para realmente fazer aquilo de que eu gosto, preciso pagar as contas."

"Não dá para largar tudo só por um sonho."

E a mais usada e batida de todas:

"A vida é assim."

Pode ser que Miguel até consiga fazer algo que o motive e o preencha durante o seu tempo livre, algum esporte ou até alguma atividade artística, mas, conforme ele vai amadurecendo e acumulando mais responsabilidades, esses momentos vão ficando mais e mais escassos. E o triste é que a maioria das pessoas começa a viver em função desses poucos momentos de liberdade, ou, mais especificamente, em função dos finais de semana e das férias – e tudo o que acontece no intervalo disso vira um mal necessário com o qual é preciso lidar para poder ter esses preciosos momentos de felicidade e prazer.

Deprimente, não é?

Não é de surpreender que tantos desses "adultos", que nos parecem ter tudo tão sob controle, terminem gastando fortunas em terapeutas (ou outras coisas mais ou menos produtivas) para tentar entender o que os incomoda ou deprime tanto, e por que eles se sentem sem um propósito, apesar de todos os "bens" que eles têm acumulado.

Mas voltemos ao momento em que o jovem está prestes a escolher sua faculdade e o que ele quer estudar.

Se ele por alguma boa ventura tem a sorte de ter desenvolvido sua autoconfiança e conhecimentos próprios, ou de ter pais que o apoiam e motivam a seguir seus sonhos, acreditando que ele tem a capacidade de definir sua própria vida, optará pelo caminho dele,

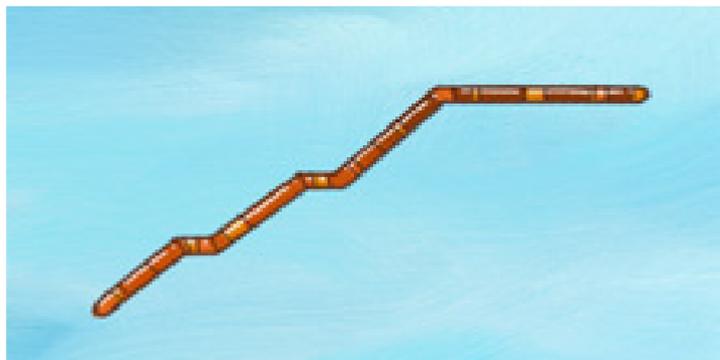
mesmo que para os outros pareça muito bizarro ou incerto – por exemplo, o caminho da gastronomia. A jornada dele (se ele não desistir) provavelmente vai seguir uma curva similar a esta aqui:

Figura



Vamos chamar esse outro jovem de Pedro. Ele provavelmente não vai receber as gratificações imediatas que Miguel vai conquistar rapidamente – salários altos, viagens, prêmios, status e demais bônus associados aos caminhos mais seguros, que seguem um gráfico similar a este aqui:

Figura



A liberdade tem um preço e requer coragem. Não é um caminho fácil, nem é um caminho que já foi traçado por alguém com todas as respostas prontas, que basta apenas decorar e seguir.

Não, em vez disso, Pedro vai se deparar logo cedo com as dificuldades do mundo bem menos glamuroso do esforço pessoal e terá que criar um caminho próprio. Diferente do Miguel, que não tem que pensar ou se questionar muito no começo, já que ele rapidamente recebe um papel definido com responsabilidades e objetivos claros a serem cumpridos, Pedro vai enfrentar o medo de não saber o quê, nem como fazer o quê, além da necessidade de ter que se inventar e de ter que criar seu próprio dia a dia.

Esse é um processo bem diferente, e bem mais profundo, já que não depende das avaliações ou aprovações dos outros e que dá medo, pois a responsabilidade fica só em nós mesmos. Não há para quem reclamar nem para quem apontar, se não dá certo. Mas é só através desse processo que podemos começar a desenvolver aquela competência tão escassa e tão necessária no mundo de hoje – a coragem.

Pelo fato de que Pedro vai ter que percorrer um caminho muito, mas muito mais longo para conseguir algum tipo de reconhecimento, a única coisa que vai segurá-lo em sua jornada é a paixão pelo que faz: a felicidade e o ânimo que sente ao acordar, a emoção com cada pequeno passo que dá e o compromisso imutável com o que ele faz. Para ele, isso tem um sentido, e não vai existir relógio, fim de semana ou fim do mês, já que seu trabalho é uma direta expressão de quem ele é, e, por mais que os outros questionem, ele vai saber que é o caminho certo.

Mas voltemos ao ponto em que Miguel e Pedro estão prestes a tomar uma decisão sobre o vestibular.

O que a maioria dos jovens não sabe e que ninguém fala para eles é que, no momento em questão, todos os Miguéis e Pedros do mundo são as pessoas mais milionárias do mundo.

Sim, é verdade, todos nós aos quinze, dezesseis, dezessete e dezoito anos somos milionários, mais do que podemos imaginar – porque temos nas mãos o bem mais precioso e valioso de todos, o TEMPO.

Somos milionários porque temos todo o tempo do mundo para fazer e construir os nossos sonhos.

Se falamos com alguém de trinta anos para cima, que já está amarrado a um emprego pelas suas responsabilidades, ele provavelmente vai falar:

“Se eu pudesse ter mais tempo para fazer aquilo de que eu realmente gosto...”

Mas os Miguéis e os Pedros aos dezoito anos têm todo esse tempo e muito, muito mais, e por isso não deveriam sentir medo ou pressa para escolher as carreiras que oferecem uma vida mais “segura”. Qual é a pressa? Que é um, dois ou três anos quando você tem dezoito anos?

Eles deveriam ser incentivados a usar sua conta milionária de horas para explorar, experimentar, viajar, aprender e continuar alimentando sua maravilhosa curiosidade e imaginação que, no final, são as únicas coisas que nos mantêm jovens e animados – com responsabilidade, claro, aprendendo o valor de tudo e a pagar suas próprias despesas, desenvolvendo um relacionamento sadio com o dinheiro – mas sem sentir pressão para competir pelo primeiro lugar ou pelo status, e muito menos contra quem tem mais de qualquer coisa.

Deveríamos incentivar todos os Miguéis e os Pedros a se conhecerem e a se sentirem à vontade com seus próprios desejos, expressando-os, para que possam aprender a encontrar seus próprios caminhos, nem que tenham que criá-los a partir do zero, sem medo do fracasso ou do "o que diriam". Mas, muitas vezes, parece que os adultos desconfiam da capacidade de um jovem de dezoito anos de saber do que ele gosta (e bem rápido ensinam ao jovem que ele verdadeiramente não tem como saber do que ele mesmo gosta) e acham que é responsabilidade deles fazer as escolhas desse jovem para evitar qualquer problema.

Deveríamos incentivar todos os Miguéis e os Pedros a se conhecerem e a se sentirem à vontade com seus próprios desejos, expressando-os, para que possam aprender a encontrar seus próprios caminhos, nem que tenham que criá-los a partir do zero, sem medo do fracasso ou do "o que diriam".

Não é de surpreender que tantos estejam na metade do caminho ainda se questionando por que se sentem tão confusos.

Existe uma história fabulosa chamada "The Rocket" [O foguete], escrita por Ray Bradbury, um renomado escritor de ficção científica, que aborda de uma forma muito especial o valor de seguir um sonho.

A história fala de um pai que sonhava em viajar para o espaço, mas ele era um mecânico que vivia de reaproveitar sucata e só tinha dinheiro suficiente para comprar uma passagem. Ele queria muito, muito ir, era o sonho de sua vida, mas estava preocupado que sua mulher e seus filhos ficassem magoados se fosse sozinho.

De repente, um dia apareceu uma pessoa querendo vender um modelo de foguete espacial que foi usado como referência para a construção de um foguete verdadeiro. Quando ele viu o modelo, teve uma ideia e, apesar de ser muito caro para seu orçamento, decidiu comprá-lo. Logo usou todo o resto do dinheiro que tinha poupado para equipá-lo com motores e instrumentos que o ajudassem a simular a experiência de uma viagem para o espaço. Trabalhou dia e noite sem cansar, até que o foguete ficou pronto. Correu para chamar seus quatro filhos e sua mulher, insistindo para que se vestissem rapidamente e preparassem as malas, já que iam embarcar na melhor viagem das suas vidas.

Quando estavam todos os filhos na nave (a mulher, achando que o marido havia perdido o bom-senso, não aceitou o convite), o pai explicou para eles que só tinha dinheiro suficiente para fazer uma só viagem, portanto, era para eles aproveitarem muito, porque seria a única vez nas suas vidas que iriam para o espaço. Depois que todos afivelaram os cintos de segurança, ele ligou os motores e as luzes que tinha instalado, e em um instante todos "decolaram". Os filhos, emocionados ao sentirem o poderoso sacolejo da decolagem, passaram a observar através das janelas e ficaram maravilhados ao ver o céu escurecer e os primeiros planetas aparecerem.

Ficaram uma semana inteira apontando para as estrelas e planetas que iam aparecendo pela janela, até que "aterrissaram" de volta ao planeta Terra e saíram do foguete – que, na verdade, nunca havia se mexido do seu lugar no jardim atrás da casa deles.

Os filhos correram emocionados e cheios de alegria para contar para a mãe sobre a incrível viagem que tinham feito.

Essa história me lembrou de uma experiência muito especial que eu tive há alguns anos, em uma dessas épocas em que eu estava procurando por alguma coisa que fizesse sentido. Lá estava eu, na Guatemala, com uns trinta e poucos anos

passando por um dos meus muitos momentos de não saber bem o que queria fazer da minha vida, me questionando se precisava voltar a mudar de emprego ou não e lendo todos os livros que me ajudassem, quando resolvi que a solução para meu desânimo poderia ser um veleiro. Logrei convencer duas amigas igualmente inquietas e solteironas, também meio sem rumo, a entrar na aventura comigo.

Para nossa alegria, de cara tivemos muita sorte, porque achamos um veleiro que tinha acabado de afundar e que estava sendo vendido por um preço que, dividido entre as três, poderíamos pagar.

Detalhe: nenhuma de nós jamais tinha velejado, e achávamos que só com uma pintura e cortinas novas o veleiro estaria pronto para navegar. Seríamos as três primeiras *guatemaltecas* a dar a volta ao mundo.

Bom, logo descobrimos que teríamos um belo trabalho pela frente... O sistema elétrico precisava ser completamente trocado, o mastro estava avariado e grande parte da madeira interna tinha apodrecido, mas pelo menos o barco flutuava e tinha um motor e velas que funcionavam.

Começamos a ir todos os fins de semana trabalhar no nosso barco, e, nos outros dias, líamos todos os livros sobre velejar que conseguíamos achar. Também fizemos algumas aulas básicas de velejo e, conforme fomos aprimorando os nossos conhecimentos marítimos, arriscamos pequenas aventuras, percorrendo baías próximas de onde nosso barco estava ancorado. E também passamos a fazer parte da comunidade da marinha e a conhecer alguns dos marinheiros, verdadeiros lobos do mar, que tinham histórias fantásticas de travessias pelo oceano.

Nosso sonho era grande, e não desanimamos apesar de tudo o que precisava ser consertado e de tudo o que implicaria planejar e fazer uma viagem ao redor do mundo. E nossas vidas adquiriram uma razão de ser, de repente tínhamos um propósito pelo qual correr atrás.

No fim, não conseguimos velejar além da região onde estava ancorado nosso veleiro. De repente meu trabalho me ofereceu uma oportunidade de ir para a Nova Zelândia, que me pareceu uma forma mais rápida (e confortável) de ver o mundo, mas nunca vou me esquecer de algumas palavras que meu pai me falou nessa ocasião:

"Que bom que você conseguiu realizar esse sonho tão cedo. Existem pessoas que têm de esperar uma vida inteira até se aposentar para poder viver uma experiência assim."

E pensar que eu ocultei esse veleiro por meses dos meus pais por medo do que eles falaria... Tinha que ter percebido que estava mentindo por diversão!

Até hoje, cada vez que me lembro desses dias, sinto uma felicidade enorme de saber que consegui fazer isso.

Até hoje, cada vez que me lembro desses dias, sinto uma felicidade enorme de saber que consegui fazer isso. Contra tudo o que os outros pensaram de negativo, nós conseguimos viver uma vida de marinheiras malucas,

levando turistas e amigos para pequenas excursões, ouvindo música enquanto as velas se inflavam de ar, improvisando nossas refeições a bordo e acordando cedo com o movimento das ondas.

Poucas coisas se comparam a essa experiência que me deixou tantas memórias inesquecíveis e a esse sentimento indescritível que ainda tenho quando estou fazendo algo de que realmente

gosto, por mais maluco e sem cabeça que possa parecer aos outros.

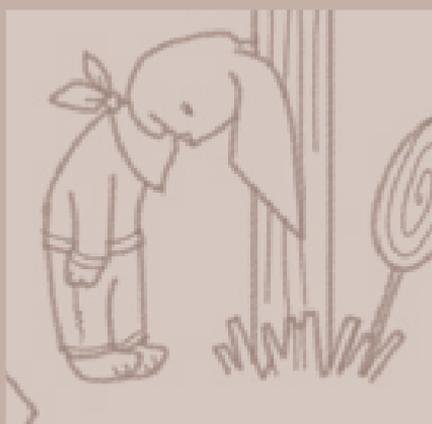
Porque a única coisa mais dolorosa do que não alcançar um sonho é não correr atrás dele, desistir e se conformar sem sequer tentar, perdendo a energia e a felicidade que a aventura pode nos gerar.

VÍDEO SUGERIDO

Randy Pausch – Really achieving your childhood dream
(Alcançando realmente o seu sonho de infância):

www.ted.com/talks/randy_pausch_really_achieving_your_childhood_dreams.html





Capítulo 3

MUITOS CAMINHOS, MUITAS VIDAS

"A jornada mais longa é a jornada a nós mesmos."

– K. PITTMAN

O que parece acontecer frequentemente é que temos medo de dar o primeiro passo porque ficamos na dúvida – será que devo ir por este caminho ou por esse? Mas qual é o certo? E, mais importante, qual vai me garantir que vou ser feliz e ter sucesso, livre de arrependimentos?

A verdade é que não existe caminho certo ou errado, e a vida não é como um plano de negócios ou uma lição de casa que tem um começo e um fim bem definidos.

Claro que a gente pode e deve traçar planos, objetivos e sonhos para saber aonde queremos ir, mas "como" chegaremos lá é toda uma outra história. O papel ou o caderninho onde anotamos os nossos sonhos não respondem, eles aceitam docilmente qualquer coisa que queiramos escrever. Mas a vida, sim, responde e vai nos trazer situações e decisões que nem imaginávamos e para as quais talvez não deveríamos dar as costas simplesmente porque "não se encaixam" nos planos que traçamos ou nas imagens que idealizamos a respeito de como a vida tinha que ser.

A verdade é que nem imaginamos as surpresas e as oportunidades que a vida tem para nós se realmente acreditarmos e correremos atrás dos nossos sonhos.

Às vezes ficamos confusos e temerosos ao tomarmos algumas decisões na vida, como aquela tão grande em relação ao que estudar, porque não queremos errar e pensamos que, se erramos nessa primeira decisão, vamos errar para o resto das nossas vidas – que seremos uns fracassados. De onde tiramos essa lição tão distorcida? Será pelas muitas provas que enfrentamos e notas que conquistamos, além do fato de que nos programaram para pensar que só há um conjunto de respostas certas, que só podemos ter essas respostas para nos darmos bem na vida?

Não sei em que momento começa a acontecer essa distorção e como poderíamos fazer para que fosse aprendido desde muito

Quando erramos, percebemos que fizemos alguma coisa que não funcionou como esperávamos ou acreditávamos e nos vemos forçados a parar e refletir sobre nossas ações.

cedo que errar é a parte mais valiosa e importante do processo. Só através dos nossos erros é que aprendemos e crescemos. Quando erramos, percebemos que fizemos alguma coisa que não funcionou como esperávamos ou acreditávamos e nos vemos forçados a parar e refletir sobre nossas ações. O sucesso, muito pelo contrário, não nos faz parar para refletir. Ele nos faz comemorar e bater palmas

para nós mesmos. O sucesso pode até ser perigoso, porque nos confirma que estamos fazendo as coisas certas e nos enche com muito orgulho até o ponto de acharmos que já não temos muito mais para aprender.

Talvez por isso que a vida é tão sábia e não entrega o sucesso de um dia para o outro. Sempre vamos ter algo para aprender, e é importante que os nossos erros nos deem a humildade necessária para reconhecer isso.

Por mais que a mídia tente nos vender a ideia de que o sucesso de algumas pessoas foi só uma questão de muita sorte e de pouco esforço, a verdade por trás dessas histórias é bem diferente. Na maioria das vezes, as pessoas lutaram e sacrificaram muito para realizar seus sonhos, e quando o sucesso chegou a elas não foi uma grande revelação – de qualquer jeito, elas já estavam se dedicando de corpo e alma a fazer o que amavam.

Os erros vão nos fortalecendo e provando se temos a energia necessária para continuar, mesmo depois de ter tomado um tombo feio na frente dos outros.

E que melhor exemplo que a vida de Steve Jobs e a quantidade de tombos que ele encarou até chegar aonde ele chegou para ilustrar a importância dos erros, dos fracassos e de seguir o nosso instinto, fazendo aquilo que realmente gostamos.

Na palestra que proferiu em uma cerimônia de graduação em Stanford, ele contou sobre os vários fracassos que teve na vida e como cada um deles o levou a coisas muito melhores. Começou com a faculdade, da qual depois de seis meses ele desistiu porque não conseguia ver propósito no enorme investimento em tuição que seus pais faziam para ele ter um título universitário. Mas ele decidiu ficar no campus e aproveitar a estrutura que a faculdade oferecia para assistir como ouvinte às aulas que realmente achava interessantes. Assim, ele frequentou aulas de tipografia que amou e aprendeu tudo sobre os diversos tipos e os detalhes que os diferenciam uns dos outros.

Totalmente fracassado e improdutivo, certo?

O fato é que essa decisão faria toda a diferença anos depois, quando ele construiu o primeiro Macintosh. Tudo o que tinha aprendido sobre tipografia voltou à mente dele quando decidiu que esse seria o primeiro computador pessoal com letras bonitas e agradáveis de ler.

Jobs conquistou muito sucesso e reconhecimento no mercado, mas logo aos 30 anos foi demitido da Apple pelo próprio CEO que ele tinha contratado. Eles começaram a ter opiniões diferentes, e o *board* decidiu que o CEO estava certo; assim, mandaram Steve Jobs embora. Apesar de se sentir muito chateado e humilhado, ele percebeu que ainda estava fazendo o que realmente gostava de fazer. Assim, depois de alguns meses, ele voltou a se erguer e criou duas novas empresas, a Next e a Pixar. A ironia da coisa é que, anos depois, a Next foi comprada pela Apple, e em seguida ele foi convidado para trabalhar de novo na empresa. O resto da história todos nós conhecemos.

Ele concluiu sua palestra explicando que realmente não dá para prever o futuro e que só é possível conectar os pontos das nossas vidas quando olhamos para trás. Ainda, o melhor que podemos fazer a cada momento de nossas vidas é nos voltar para o que realmente gostamos e ter confiança em nossos instintos.

Figura



Se ainda não sabemos do que gostamos, precisamos, segundo Jobs, continuar procurando incansavelmente até descobrir a nossa paixão. Por nenhuma razão devemos nos conformar com qualquer

coisa. A verdade é que nosso trabalho é uma extensão de nós mesmos, e vamos passar grande parte dos nossos dias trabalhando. Não podemos simplesmente nos conformar com algo que pague as contas.

Ele também enfatizou a importância de nos questionarmos, da mesma forma que ele fez em todos os dias de sua vida:

"Se hoje fosse meu último dia, o que eu gostaria de fazer?"

A importância de nos questionarmos, da mesma forma que ele fez em todos os dias de sua vida: "Se hoje fosse meu último dia, o que eu gostaria de fazer?"

Cada vez que ele percebia que tinha passado vários dias insatisfeito, parava e refletia sobre suas decisões e o que estava fazendo, para descobrir a partir de onde ele tinha se desviado.

A maioria de nós insiste em achar um atalho, pensando que vai conseguir conectar os pontos antes de começar o caminho se escolher algo seguro, conhecido e sem riscos – em vez de confiar em nossos instintos, nos deixamos levar pelo que aparentemente deu certo para outros ou pelo que os outros acham que é o certo. Muitos pensam que, se deu certo para outra pessoa, então a única coisa a fazer é seguir o mesmo caminho, para se poupar de qualquer arrependimento.

Mas não existem atalhos e não há ninguém que consegue encarar a vida inteira livre de arrependimentos – é melhor não fugir do medo de ter que construir o nosso próprio caminho e aceitar que os pontos das nossas vidas só vão fazer sentido uma vez que olhemos para trás.

Como diz o lindo poema de Antonio Machado:

"Caminhante, não há caminho. Faz-se o caminho ao andar."

Por isso que também é importante reconhecer as mentiras que nós contamos a nós mesmos e aos outros para nos sentirmos aceitos, e tentar achar o que procuramos esconder, por medo ou vergonha. Aquilo de que gostamos está aí, todos temos algo de que gostamos e que encobrimos. Por menor, mais simples ou ridículo que pareça, é um ponto de partida que devemos ouvir e seguir, sem questionar se está certo ou errado. Não existe certo ou errado, só há o que é de cada um de nós.

Se gostamos de números, se gostamos de assistir a programas de médicos costurando peçoços, se gostamos de nos fechar em nosso quarto para ouvir música por horas, se gostamos de pintar paredes ou de ler novelas de ficção científica, se gostamos de estar sempre rodeados de pessoas e de conversar sem parar, se gostamos de resgatar bichos e caminhar no mato, se gostamos de inventar receitas e cozinhar, se gostamos de fazer os outros rir, não importa quão diferente ou estranho pareça o que gostamos, o importante é que é nosso. Alguém deu isso para a gente e precisamos fazer disso parte de nós.

Por isso que a coisa mais importante que devemos nos perguntar é: Do que gostamos?

E precisamos nos fazer essa pergunta mil e uma vezes até reencontrar o nosso ponto de partida.

E também é muito importante estarmos sempre abertos e curiosos pelas coisas e situações que a vida nos coloca. A vida vai nos oferecer ferramentas para nos ajudar a nos entendermos melhor. Mesmo se não gostamos do que temos pela frente, isso é bom, porque nos ajuda a descobrir do que não gostamos (senão, como iríamos saber que não gostamos disso?) e a construir o caminho na direção que faz mais sentido para nós, mesmo que não enxerguemos mais do que alguns passos adiante.

O fato é que não vamos conseguir enxergar o caminho completo, nem cada um dos passos que vamos dar nele. É como quando estamos dentro de um carro em uma noite nublada e só conseguimos enxergar alguns metros à frente, e vamos trecho a trecho percorrendo o caminho³. É o mesmo com as nossas vidas. Não dá para ver o caminho completo porque não temos como imaginar as surpresas e oportunidades que a vida tem para nós.

E se essa é uma realidade que precisamos aceitar, e se estamos todos no mesmo barco, por que não começar a andar pelo nosso caminho fazendo as coisas de que gostamos e que fazem sentido para nós?

Ninguém, nem mesmo aqueles que optam pelos caminhos aparentemente mais "certos" e "seguros", consegue enxergar o que a vida vai trazer e como será a própria reação.

A diferença é que quem começa o caminho fazendo algo de que realmente gosta, encarando o medo e a insegurança que podem surgir, se coloca na fascinante jornada do autoconhecimento. E desenvolve o que de mais importante podemos ter dentro de nós para conseguir realizar os sonhos: a autoconfiança de saber que, apesar de não podermos enxergar aonde a nossa decisão vai nos levar, estamos seguros de estarmos seguindo a nossa verdade, e não a verdade de alguém mais.

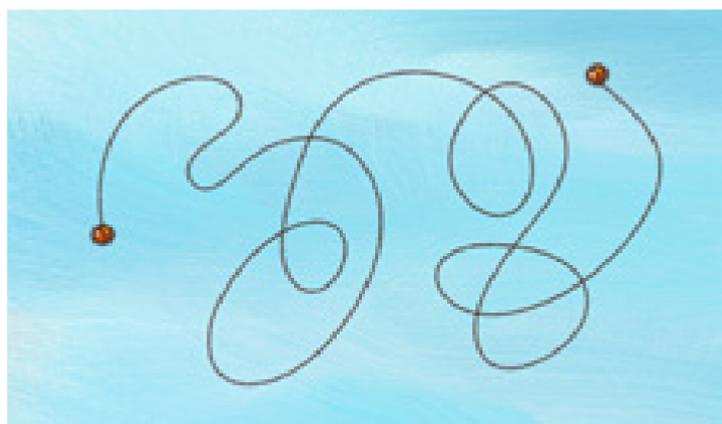
Se pensarmos assim, fica mais simples tomar essa primeira grande decisão do que devemos estudar. É simples: o que você gosta de fazer? Por que ter medo de escolher algo de que gostamos e curtimos? Se você fizer algo de que gosta, você vai ser feliz, se você é feliz, também será mais receptivo às oportunidades que a vida vai trazer, e se você é mais receptivo, a vida vai lhe dar mais chances de conquistar seus sonhos.

O que acontece frequentemente é que até chegamos a escrever e a traçar os nossos sonhos com animação e confiança, mas,

como eles não acontecem da forma e no tempo que esperávamos ou imaginávamos, nós rapidamente desistimos.

Não entendemos que é o processo de chegar até eles que é valioso e prazeroso, e que o caminho não é uma linha reta do ponto A ao B, como aprendemos nas aulas de matemática. Ele é uma linha retorcida e instigante, que volta e se desvia a toda hora, sem poder se conter dentro dela mesma.

Figura



É natural que no processo da descoberta nós nos desviemos, exploremos e tentemos coisas que não parecem ter sentido – porque é aí, nesses momentos, que estão as grandes possibilidades de aprendizagem nas nossas vidas.

E isso porque nós não somos uma coisa só somos seres mutantes e cheios de contradições.

Em um dia gostamos de chocolate, no outro, de batata frita; em um dia gostamos do nosso amigo, no outro, não. É natural que no processo da descoberta nós nos desviemos, exploremos e tentemos coisas

que não parecem ter sentido – porque é aí, nesses momentos, que estão as grandes possibilidades de aprendizagem nas nossas vidas.

Por isso que, quanto mais rápido entendermos e aceitarmos que o nosso caminho vai ser único e, apesar de todos nossos esforços, imprevisível, mais rápido nos sentiremos livres para escolher aquilo de que realmente gostamos.

VÍDEO SUGERIDO

Steve Jobs: How to live before you die (Como viver antes de morrer):
www.ted.com/talks/steve_jobs_how_to_live_before_you_die.html

RS 5,99





Capítulo 4

VIRAR-SE COM POUCO E COM MUITOS PROBLEMAS

*"Alguém precisa ter o caos em si mesmo
para dar à luz uma estrela dançante."*

– F. W. NIETZSCHE

Nunca vou me esquecer das palavras que um de meus irmãos me disse há muitos anos, quando ele estava começando um de seus primeiros empreendimentos:

"Só a verdadeira necessidade gera verdadeira criatividade."

Naquela época ele tinha uns dezessete ou dezoito anos, e com um amigo da escola decidiu montar uma cevicheria, que é um tipo de restaurante comum em muitos países latino-americanos onde se serve.

O ceviche é um prato originário do Peru, feito de pescado cru cortado em cubinhos e marinado em limão, temperado com salsinha, cebola e tomates picadinhos. Há outras variações dele, dependendo do país. No Peru, ele é guarnecido com milho e batata-doce, e, na Guatemala, há preferência por agregar pedaços de abacate ao pescado. É o tipo de prato que as pessoas comem durante um sábado ensolarado com biscoitos salgados e um par de cervejinhas bem geladinhas, ou quando estão assistindo a um jogo de futebol.

Bom, meu irmão e seu amigo pouco sabiam de ceviches ou de pescados, mas já frequentavam alguns estabelecimentos desse tipo com seus amigos e decidiram montar uma cevicheria própria.

Eles começaram em um quarto de 4 m², onde cortavam os filés de pescado e preparavam os ceviches que logo depois iriam servir nas duas mesas de plástico que tinham colocado na calçada em frente ao estabelecimento. Essa calçada dava para uma estrada de terra que ficava longe das avenidas principais e onde os poucos carros que passavam levantavam nuvens de poeira.

Nunca vou me esquecer do primeiro sábado em que meus pais e eu fomos lá para experimentar o famoso *ceviche*. Aquilo parecia tão pequeno e insignificante, um sonho de dois jovens sem noção da realidade, mas quem éramos nós para criticar aqueles primeiros passos?

Eles não pareciam ter nenhum problema com o tamanho do empreendimento que estavam fazendo, nem com o longo caminho que eles tinham pela frente.

Logo decidiram que seria melhor entregar peixes nas casas das pessoas, e, já que estavam investindo seu tempo em escolher peixes de boa qualidade para fazer seus ceviches, os únicos adicionais de que precisavam eram uma geladeira e uma pick-up para entregar os peixes de bairro em bairro. Esse negócio deu muito certo e em pouco tempo eles se mudaram para um centro comercial que tinha acabado de ser lançado em um dos bairros mais nobres da cidade.

O negócio continuou crescendo e rapidamente eles perceberam outra oportunidade.

Uma parte do centro comercial não estava sendo usada, e eles acharam que seria perfeita para montar uma verdadeira cevicheria ao ar livre. Negociaram com os donos do centro e montaram o

restaurante, que logo se tornou um dos pontos de encontro mais populares para os jovens da cidade.

Vários anos depois, quando ele já tinha vendido esse negócio e embarcado em outros empreendimentos, eu estava trabalhando na Nova Zelândia e me lembrei de suas palavras.

A Nova Zelândia é um país excepcional no qual as pessoas estão mais preocupadas com seus esportes e aventuras do que com as marcas de carros ou de roupas que elas usam – até consideram de mau gosto adquirir produtos de marcas muito pomposas, porque acham que isso mostra que a pessoa só tem valores materiais. Não é de surpreender que, sendo um país tão pequeno, com apenas quatro milhões de habitantes, eles tenham conseguido desenvolver de forma tão bem-sucedida indústrias como a do vinho e a da lã merino.

A Nova Zelândia é um país excepcional no qual as pessoas estão mais preocupadas com seus esportes e aventuras do que com as marcas de carros ou de roupas que elas usam.

Uma amiga da Guatemala veio me visitar quando eu estava lá e decidimos fazer um *tour* pela Ilha Sul, famosa pelos seus cenários de *O senhor dos anéis* e outras belezas naturais. Alugamos um carro e fomos até Christchurch, a cidade dos esportes radicais – não só *bungee jumping*, mas *bungee jumping* de paraquedas, lanchas de alta velocidade e demais esportes extremos que os neozelandeses inventaram para atrair o maior número de turistas para essa cidade, que não tem mais do que um lago e um par de picos ao redor dele.

Bom, lá estávamos nós fazendo turismo e decidindo que caminho tomar quando entramos na loja de uma galeria de arte e achamos algumas peças muito curiosas e divertidas. O artista tinha usado

umas conchas típicas da Nova Zelândia, e com três ou mais delas tinha montado um sisteminha que funcionava como uma minifonte, em que um arame conectava uma concha à outra, e um tipo de punho permitia regular o movimento das conchas e a queda da água. Era demais! O tipo de coisa frívola, mas que faz você sorrir espontaneamente. Mas como as peças eram muito caras logo desistimos (infelizmente ainda não existia o iPhone e não consegui tirar uma foto!).

Continuando a nossa viagem, fomos até a ponta mais ao sul da ilha, onde não há absolutamente nada mais do que areia, mar e algumas árvores que conseguem sobreviver aos ventos fortíssimos que sopram por lá. Fomos visitar uma reserva natural e vimos os famosos pinguins com a ajuda dos nossos binóculos. Em uma das pousadas onde ficamos, também me lembro de que algo me chamou a atenção: havia mudas que não tinham sido plantadas em potes, mas em botas velhas que escaladores já não conseguiam mais usar.

Figura



Começamos nosso caminho de volta tentando pegar estradas diferentes das que tínhamos tomado para descer a fim de ver novos lugares, e, depois de algumas horas dirigindo, passamos pelo que parecia ser um trailer verde enfeitado com todo o tipo de maluquices feitas de madeira. Curiosas, demos a volta e estacionamos na frente para ver do que se tratava.

Na entrada tinha uma baleia enorme que funcionava como a caixa de correio – você puxava uma manilha e a enorme boca abria-se ao mesmo tempo que um par de campainhas tocavam. Um homem pequeno e magro abriu a porta, e nos pareceu que um hobbit real nos convidava a entrar. Mas oh, surpresa! Ao subirmos as escadas, nos encontramos dentro de um ateliê rodeadas de objetos mágicos e inusitados, dentro dos quais estavam as minifontes que tínhamos visto na galeria – ele era o artista por trás daquelas peças!

O trailer era sua casa e ateliê, onde ele fazia suas criações exclusivamente com materiais reciclados que tinha achado nas ruas, nas praias ou nos bosques. Suas obras não eram baratas, mas consegui comprar duas – uma mini baleia feita de metal e um passarinho que se chamava *kiwi dreams*. Ele empacotou cada peça dentro do que em outra vida foi uma lata de leite em pó e se despediu alegremente. Até hoje guardo meu passarinho e me lembro desse personagem no meio da nada com tanta alegria e criatividade elaborando aquelas peças tão valiosas e inusitadas.

Figura



Essas histórias podem parecer desconexas, mas lembrei-me delas recentemente lendo o livro *What I wish I knew when I was 20* [O que eu gostaria de ter sabido quando tinha 20 anos], da Tina Seelig, professora de empreendedorismo de Stanford. Nele ela explica que, na visão dela, é muito importante desde muito cedo estimular os estudantes a criar a partir de muito pouco.

E o curioso é que, o que no começo pode parecer impossível, logo se torna uma lição muito importante sobre o quão poderosa e valiosa pode ser a nossa criatividade e como o dinheiro não é mais que um limitante imaginário.

Por isso, ela começa sua aula de empreendedorismo com um exercício um pouco inusitado, mas que está focado em desenvolver o que ela chama de "a mentalidade de um empreendedor", ou a capacidade de poder se virar com pouco. Ela entrega para cada aluno um envelope com 5 dólares e fala que eles têm esse dinheiro e duas horas

para gerar algo de valor. E o curioso é que, o que no começo pode parecer impossível, logo se torna uma lição muito importante sobre o quão poderosa e valiosa pode ser a nossa criatividade e como o dinheiro não é mais que um limitante imaginário.

Depois de fazer esse exercício por anos, ela compartilhou algumas das ideias mais engenhosas que alguns de seus estudantes já conceberam. Uma delas é de um grupo que montou um posto na entrada da faculdade para encher os pneus das bicicletas de ar, enquanto outro grupo viu que tinha uma oportunidade nas longas filas de espera nos restaurantes – fizeram reservas em todos e ficaram na fila para vender suas posições para pessoas que queriam entrar no restaurante sem ter que esperar.

Mas o grupo mais bem-sucedido foi o mais visionário. Eles enxergaram claramente que o crucial não era os 5 dólares ou as 2 horas que ela tinha dado, mas os 3 minutos que eles teriam para apresentar seu projeto para o resto da classe. Então, procuraram empresas que tinham produtos que queriam vender e divulgar para esse público-alvo (estudantes jovens) e negociaram tempo de publicidade para que essas empresas pudessem promover seus produtos e serviços para o resto de seus colegas.

Tina achava que esse exercício era muito eficiente, mas ficou pensando que seria bom mostrar que o sucesso e o valor nem

sempre precisam ser medidos em termos financeiros. Assim, em vez dos 5 dólares, ela adaptou o exercício e ofereceu 10 cliques de papel, pedindo aos alunos para que gerassem a maior quantidade de "valor" possível.

E os resultados desse exercício também foram muito diversos e inesperados.

Uma equipe decidiu que os cliques eram uma nova moeda e começou a colecionar o maior número que encontrou, outro grupo decidiu romper o recorde mundial da fileira mais comprida de cliques de papel, enquanto um terceiro fez um vídeo mostrando como se pode romper cadeados usando cliques. Dessa vez, o mais criativo foi um grupo que posicionou em um shopping um cartaz: "Estudantes de Stanford à venda: compre um e ganhe dois." Eles foram contratados por uma mulher para resolver um problema de negócios que ela tinha.

Tina também insiste que, para desenvolver essa "mente de empreendedor" e a habilidade de virar-se com pouco, precisamos estar atentos a todos os problemas que nos rodeiam no nosso dia a dia, já que, segundo ela, quanto maior o problema, maior a oportunidade.

Para mostrar isso, ela passa um exercício em que pede para os alunos mostrarem suas carteiras e inspecionarem as dos outros. Em seguida, ela pede para eles contarem o que os incomoda em relação às suas carteiras, cada um tem uma queixa particular do que funciona e do que não funciona. Por último, ela entrega papel, tesouras e cliques para eles desenharem o tipo de carteira que eles acham que resolveria seus problemas. O ponto que ela quer mostrar com esse exercício é que existem problemas em todas as coisas ao nosso redor e que as pessoas que desenvolvem a "cabeça de empreendedor" estão sempre procurando o que pode ser feito para solucionar esses problemas.

E, segundo Cameron Herold, empreendedor muito bem-sucedido que começou sua carreira precocemente, essa "cabeça de empreendedor" deveria ser fomentada desde muito cedo, desde que somos crianças. Na sua palestra no TED "Vamos criar as nossas crianças para serem empreendedoras", ele explica como com ações pequenas, como pedindo para as crianças contarem suas próprias histórias (em vez de sempre contar histórias para elas) e para elas procurarem coisas para arrumar em casa (em vez de sempre dar uma mesada fixa), pode-se ir nutrindo esse tipo de mentalidade. Ele conta como desde muito cedo seu pai o ensinou a ser empreendedor, e como com muito pouco ele começou a montar seus primeiros pequenos negócios – vendendo cabides, recolhendo bolas de golfe, vendendo refrigerantes e gibis – e como através dessas experiências ele foi aprendendo o que funcionava e não funcionava, como se colocava um preço, como se negociava e convencia e onde estavam as melhores oportunidades de negócios.

Porque é com poucos recursos e muitos problemas que somos forçados a procurar soluções e ideias inusitadas que podem nos ajudar a criar soluções e coisas mágicas.

Um sonhador precisa desenvolver essa "mente de empreendedor", já que, muitas vezes, seu caminho vai exigir que ele se vire com pouco e com muitos problemas, e isso é bom. Porque é com poucos recursos e muitos problemas que somos forçados a procurar soluções e ideias inusitadas que podem nos ajudar a criar soluções e coisas mágicas.

VÍDEO SUGERIDO

Cameron Herold – Let's raise kids to be entrepreneurs
(Vamos criar as nossas crianças para serem empreendedoras):
www.ted.com/talks/cameron_herold_let_s_raise_kids_to_be_entrepreneurs.html





Capítulo 5

MUITOS AMIGOS MALUCOS E OTIMISTAS

“Quando você tem um gosto para pessoas excepcionais, você sempre acaba as encontrando por toda a parte.”

– M. ORLAN

Quando eu estava na escola, tinha um companheiro na nossa sala de aula que era bem esquisito. Ele se chamava Edgard, e todo mundo o zoava e ria dele. Para começar, ele era chinês, e a nossa classe e a escola na Guatemala era muito homogênea só ele e outra menina tinham esses olhos rasgados que mal conseguiam ver, e que nós achávamos tão engraçados.

Na verdade, não apenas a nossa classe e escola eram homogêneas demais, mas a cidade toda se dividia em três grandes grupos: brancos ou descendentes de europeus, *ladinos* (europeus mesclados com indígenas) e indígenas. Qualquer outra nacionalidade ou mescla era muito pequena e muito pouco representada, e acho que até hoje nunca me encontrei com uma pessoa negra na Guatemala.

Mas não era só a sua nacionalidade chinesa que fazia do Edgard um menino diferente.

Ele tinha um problema muito sério. Acontecia que o cérebro dele ia a mil por hora – ele era inteligente demais, e as revoluções dentro da sua cabeça evoluíam muito mais rápido do que o seu corpo conseguia acompanhar. Por isso, quando ele queria dizer

alguma coisa, tropeçava nas palavras que saíam de sua boca e terminava cuspidando por todo o lado, em seu anseio por transmitir a mensagem ou pensamento que ele acabava de ter. Nós dávamos gargalhadas ao ver aquele desastre, enquanto a vítima ficava revoltada, tentando limpar a saliva de sua cara. E não era só a cuspidada de todas essas revoluções a mil por hora; ele também não conseguia ficar quieto um segundo. Mesmo sentado, ele ficava mexendo as pernas, os braços, as sobrelanceiras – tudo ao mesmo tempo enquanto a professora dava a aula.

Para nós, jovens travessos, aquilo tudo era um espectáculo que nos dava várias desculpas para rir e fazer palhaçadas na tentativa de imitá-lo. Não me lembro de Edgard ter reclamado ou ficado bravo, mas durante todos os nossos anos de escola ele fez muito poucos amigos. Ele sempre era o último a ser escolhido nos times de esportes, e muitas vezes comia sozinho na cantina porque ninguém sabia se relacionar com ele. Por outro lado, enquanto nós tropeçávamos nas regras básicas de álgebra e trigonometria, ele voava nos cursos universitários de matemática e física.

Edgard era o único realmente diferente dentro de um grupo onde todos lutavam e se esforçavam para ser iguais e não parecerem muito diferentes dos outros. Tínhamos que ter os mesmos tênis e roupas para nos sentirmos aceitos no grupo, ninguém queria ser

Vivíamos apavorados com a ideia de sermos diferentes, de que alguém pudesse rir de nós, e éramos cruéis com aqueles que eram diferentes.

visto sendo amigo de alguém tão esquisito como o Edgard por medo de ser rejeitado e tachado de esquisito também. Vivíamos apavorados com a ideia de sermos diferentes, de que alguém pudesse rir de nós, e éramos cruéis com aqueles que eram diferentes como Edgard.

Lembro que, por essa época também – eu tinha por volta de onze ou doze anos –, apareceu uma menina nova na nossa escola que se chamava Katie e que vinha dos Estados Unidos. Ela era loira, magra e alta, e apareceu no primeiro dia usando uma bandana violeta, uma camisa de listras brancas e violetas e um par de polainas da mesma cor.

Todos ficamos olhando para ela e comentando sobre sua vestimenta colorida e chamativa demais para os nossos padrões guatemaltecos mais conservadores, mas por alguma razão eu me senti atraída pela visão. Talvez fosse a curiosidade ou o fascínio por essa menina que parecia ser muito mais viajada que o resto de nós, ou talvez um pouco da sensação que tive de que ia ser difícil para ela se encaixar dentro do nosso grupo. Independente do caso, o certo é que, apesar de todas as suas diferenças, me aproximei dela, e logo viramos amigas – por coincidência e para felicidade nossa, seus pais tinham escolhido uma casa que ficava a dois quarteirões da minha, e nós começamos a passar as tardes depois da escola juntas.

Eu adorava ir à casa dela, porque sempre estava cheia de comidas importadas que naquela época eram, para nós na Guatemala, coisas que só comíamos em ocasiões especiais como Natal e aniversários. Como os pais dela trabalhavam para a embaixada americana, eles tinham acesso a um supermercado especial que se chamava *comisariato*, onde vendiam guloseimas importadas como M&M's e Dorito's.

Minha refeição favorita na casa dela eram as torradas de pão integral cobertas com a delicadíssima e deliciosíssima manteiga importada que parecia vinda do céu. Eu comia dezenas delas, apesar de que Katie me suplicava para tentar controlar meu apetite voraz, porque seus pais ficariam bravos com ela por ter terminado com todo o pão da casa. Acontece que não tinha nada que eu gostasse mais do que comer aquele pão com aquela irresistível manteiga

derretendo, e, independente de suas súplicas, eu engolia torrada atrás de torrada, feliz da vida.

Ao contrário do esperado e do caso de Edgard, Katie conseguiu se enturmar rápido e ser aceita, mas sempre foi um pouco diferente. Acho que teve muito a ver com o fato de que era bonita, loira e que tinha vindo dos Estados Unidos, lugar que era o fascínio de todos nós, já viciados nos filmes e programas de TV norte-americanos. Ser loira e americana oferecia muitas vantagens, porque naquela época (e suspeito que ainda agora) todos os meninos gostavam dessas características.

Ela era a única estrangeira dentro da nossa sala e fazia coisas estranhas, como ir dormir na casa da sua empregada de vez em quando. Além disso, se relacionava com as turmas mais velhas da escola, coisa que nenhum de nós fazíamos.

Eu adorava estar com ela, e adorava mais ainda essa liberdade que o fato de ela ser estrangeira lhe dava. Ela rompia as regras e era perdoada por ter um sotaque simpático e não ser uma de nós completamente. E ela tinha toda essa outra vivência que eu achava fascinante já com onze anos tinha morado em Singapura e México, além de ter viajado para muitos outros países ao redor do mundo, enquanto a maioria de nós tinha passado a infância na pequena cidade da Guatemala com algumas viagens esporádicas para a Disney.

Ficamos amigas muito rápido e gostávamos de passar o tempo exercitando a nossa imaginação e fazendo qualquer coisa que nos divertisse e nos fizesse rir. Uma de nossas diversões favoritas era imaginar diferentes acidentes com bebês – passávamos horas imaginando o que aconteceria se uma mãe deixasse seu bebê cair e ríamos dessa ideia até não poder mais. Uma vez, tivemos a ideia de enfiar meleca de nariz dentro do bebedor de água da escola e de nos esconder atrás de uma árvore para espiar as vítimas da nossa travessura.

Lá estávamos nós, dando tanta risada que caímos no chão quando apareceu uma professora que nos levou para a sala de detenção.

"Meninas! Vocês não perceberam que não são cavalos?! Dá para, por favor, se comportarem como meninas?"

Isso só consegui nos fazer rir ainda mais. Mal sabia ela a nojeira do que tínhamos aprontado.

Eu acho que, no fundo, o que mais gostávamos era do sentimento de cumplicidade e liberdade que uma dava para a outra, e a coragem que tínhamos de quebrar as regras para nos divertir e dar risada. A sensação profunda de que, juntas, seríamos capazes de conquistar o mundo.

Assim nossa amizade cresceu e, quatro anos depois, quando seus pais foram transferidos de volta para os Estados Unidos, prometemos sermos melhores amigas para o resto das nossas vidas. Isso já faz vinte e cinco anos, e até hoje Katie continua sendo minha melhor amiga. Ambas fomos atrás do nosso sonho de viajar ao redor do mundo e, apesar das distâncias que nos separaram em diversos momentos, sempre fizemos questão de nos reencontrarmos para continuar alimentando nossa amizade e a crença de nossa época de meninas de que, sim, é possível alcançar os nossos sonhos.

E acho que, desde que fiquei amiga dela, comecei a desenvolver um olfato muito aguçado por pessoas malucas e incomparáveis, que me fizessem sentir de volta essa sensação de liberdade e alegria da minha

Sempre fizemos questão de nos reencontrarmos para continuar alimentando nossa amizade e a crença de nossa época de meninas de que, sim, é possível alcançar os nossos sonhos.

juventude e que sempre me ajudou e me inspirou muito a ter coragem para ser diferente.

Anos depois, quando eu estava na faculdade na Califórnia (Katie ficou cansada de morar nos Estados Unidos e optou pela faculdade na Escócia onde anos depois o Príncipe William e Kate se conheceram), tive a oportunidade de conhecer um velhinho chamado Nicholas, de cabelos brancos e olhos azuis brilhantes.

Ele era um imigrante russo que morava na Califórnia há anos, e era dono de vários imóveis que alugava para jovens universitários. Ele adorava visitar seus locatários e ajudar com qualquer coisa de que precisassem, como manter o jardim, arrumar alguma tubulação que não estivesse funcionando ou sair para comprar alguma coisa necessária. Na verdade, ele procurava desculpas para poder ficar ocupado e perto desses jovens, provavelmente porque, apesar da sua avançada idade, ele se sentia tão jovem como eles. E não parava por aí. Ele também tinha se inscrito na faculdade para fazer aulas de piano e de francês, conhecia metade dos estudantes e tinha um caderninho com todos os telefones das mulheres que estavam na sua sala.

Uma amiga minha morava em um dos imóveis dele, e foi assim que eu o conheci em um dia em que fui me encontrar com ela. No começo eu fiquei surpresa e até reticente de conversar com esse velhinho intrometido que não parava de aparecer e de tentar puxar conversa. Eu achava esquisito que um velhinho estivesse me fazendo tantas perguntas e tentando ser meu amigo, desconfiava que provavelmente era um perverso (todas as advertências de minha mãe ressoavam na minha cabeça) tentando ter sorte com uma juvenzinha. Mas aos poucos fui me acostumando e relaxando, até conseguir eliminar minhas barreiras e preconceitos.

A verdade era que o Nicholas era um espetáculo de pessoa, e nunca cansava de contar histórias fabulosas (mesmo que talvez tivesse inventado todas) e de nos fazer rir.

Um dia ele começou a insistir que queria nos levar para comer uma comida muito, mas muito especial, mas que tinha que ser em um domingo. Nós ficamos enrolando, mais por preguiça de ter que passar um domingo com ele de que por outra coisa, e no fim das contas estávamos mais preocupadas em conhecer meninos da nossa idade do que sair com um velhinho no nosso fim de semana. Afinal sua persistência nos venceu e aceitamos. Ele nos pegou em um domingo de céus azuis e nos levou a uma igreja ortodoxa que ficava em um bairro velho no centro de Los Angeles. Surpresas, seguimos até o fundo do salão, onde o pessoal da igreja tinha montado uma mesa enorme com todo o tipo de comidas que eles ofereciam de graça para as pessoas carentes do bairro.

“Experimente este frango – é o melhor que já comi na vida!”, Nicholas falou, guiando-nos para o prato de frango assado que ficava no centro da enorme mesa.

Nunca vou esquecer esse dia e o sorriso do Nicholas enquanto empilhava nossos pratos e insistia para que aproveitássemos da oferenda. Acho que, em toda a sua maluquice, a lição no fundo era nos mostrar quão fácil era ser feliz, até para um velhinho solitário como ele, e quão rica a vida era, se apenas nos permitíssemos olhar além das nossas barreiras pessoais e preconceitos.

Acho que, em toda a sua maluquice, a lição no fundo era nos mostrar quão fácil era ser feliz, até para um velhinho solitário como ele, e quão rica a vida era, se apenas nos permitíssemos olhar além das nossas barreiras pessoais e preconceitos.

Muitos anos depois, tive a grande sorte de me encontrar com um dos meus primeiros chefes, outro personagem bem maluco que apareceu e me resgatou no exato momento em que eu me sentia asfixiada em meu primeiro trabalho na companhia farmacêutica.

Eu já estava há alguns meses trabalhando, quando comecei a me sentir muito infeliz, porque, apesar de todo o glamour de uma posição que parecia ser dos sonhos – salário alto e escritório próprio –, eu me sentia chateada e sem propósito.

Minha personalidade inquieta se sentia constrangida dentro daquele escritório, como se estivesse presa dentro de um hospital vestida com uma camisa de força. Tudo naquele ambiente era quadrado e regulado demais e, para piorar as coisas, ainda tínhamos que participar de reuniões intermináveis – naquela época algumas chegavam a demorar semanas. Eu sofria imensamente, ainda mais tendo herdado do meu pai o terrível mal do sono inoportuno que se apodera de mim nos piores momentos.

Muitos dos meus colegas falavam por horas para explicar coisas que pareciam bastante simples, e eu lutava para me manter acordada, ficando em pé, mascando chiclete, enfiando dezenas de balas na boca, mas nada disso adiantava – bastava começar uma apresentação de slides, um discurso, e era automático: meus olhos fechavam. E naquela época não existiam os belos laptops e celulares para que pudéssemos fugir do tédio naquelas horas intermináveis.

Um dia estava me recuperando de uma dessas reuniões, quando nos anunciaram que teríamos um novo diretor de marketing que vinha do Brasil (uma daquelas belas surpresas da vida que não temos como prever). Ele apareceu em uma segunda-feira: um senhor alto com uma barrigona de boa vida, usando uma gravata com um Mickey Mouse enorme. Apresentou-se com pouquíssimas palavras, e em uma ou duas transparências (apenas começava o Power Point!) rabiscou as metas que queria alcançar. Lembro

que o silêncio foi absoluto. As equipes de gerentes e diretores impecavelmente engomados estavam atônitos ante aquela informalidade. O jeitão descolado do mundo 2.0 ainda não estava na moda, mas eu senti a glória e um sentimento de cumplicidade – finalmente alguém naquele tédio que falava a minha língua.

Mas minha euforia durou pouco: alguns dias depois voltei a sentir a velha claustrofobia e, muito decidida, fui bater na porta do novo chefe para pedir demissão – aos 22 anos tudo era uma tragédia global que precisava ser resolvida imediatamente. Meu novo chefe me recebeu muito amigavelmente e, depois de ouvir minhas frases entrecortadas de como eu queria largar tudo para poder viajar o mundo, ele me interrompeu:

"Um momento! Me fale, por favor, o que é o mais importante na vida."

Eu fiquei meio desorientada, sem ter ideia de qual poderia ser a resposta certa, e, depois de alguns segundos, ele escreveu na lousa dele e disse para mim:

"Felicidade! Ser feliz, e nada mais!"

Eu fiquei perplexa – não conseguia acreditar que alguém na posição dele estivesse me falando sobre algo tão banal como "felicidade", nem na faculdade tínhamos tocado nesse tema. Mas ele, muito animado, continuou falando naquele portunhol quebrado que, apesar de toda a chatice que uma empresa grande podia oferecer, também tinha muitas oportunidades de aprendizado que eu podia aproveitar. E, se meu sonho era viajar pelo mundo, só tinha que segurar um pouco a minha ansiedade, porque ele iria me ajudar a fazer isso acontecer.

Saí revigorada, segurei meu aborrecimento e, fiel à sua palavra, ele cumpriu sua promessa. Ele foi muito além disso e não limitou suas atenções só para mim, mas para a equipe inteira. De um dia

para o outro, com aquele seu jeito descolado e sem se importar com o que os outros diretores pensassem, ele começou a infiltrar felicidade e humor no nosso dia a dia. Com pequenas e simples ações, conseguiu motivar a empresa inteira a bater recorde atrás de recorde de vendas e implementar inovações que, para aquela época, eram bastante revolucionárias.

Hoje, olhando para trás, enxergo que um de seus maiores segredos era a coragem de ser diferente e de empregar humor nas pequenas coisas da nossa rotina. Ele era tão maluco que não tinha vergonha alguma para anunciar quando tinha que ir ao banheiro – fazia questão de colocar o jornal embaixo do braço e passar assobiando feliz da vida na frente das nossas salas, avisando a todos a natureza de sua empreitada.

É difícil explicar como essas pequenas ações “descontraídas” mudaram aquele ambiente regulado e sério, mas o certo é que, depois de pouco tempo, ele ganhou o apelido de “professor”, e é até hoje lembrado com muito carinho por todos aqueles que tiveram a sorte de trabalhar com ele.

Para a minha grande sorte, e pelas voltas da vida, nos reencontramos no Brasil. Ele, depois de uma carreira multinacional e de várias posições em diversos países do mundo, decidiu voltar para seu país de origem, e eu, depois de muitas reviravoltas e aventuras, acabei me casando com um brasileiro (as surpresas da vida) e vim morar no Brasil.

Mesmo nos dias atuais, quando me sinto sufocada pela seriedade da vida adulta e de ter um trabalho sério, ligo para ele, às vezes só para ouvir sua voz engraçada e para saber que há outro adulto por aí (ainda mais velho e maduro que eu!) que não tenta aparentar que não tem dúvidas sobre as escolhas que tem feito e que não tem sonhos que ainda gostaria de realizar.

Quando me sinto cansada ou desanimada, me lembro de Katie, Nicholas e do professor. Lembro-me que, sim, se nos permitirmos tudo é possível. Só precisamos nos permitir um pouco de loucura, maluquice, criatividade ou coragem, como queiramos chamar essa competência. Precisamos parar de tentar ser sempre certinhos e corretos, de querer ter a melhor nota e nos permitir quebrar as regras, que muitas vezes não são regras de verdade, mas simples imposições que temos colocado sobre nós mesmos.

O engraçado é que todos temos medo de sermos chamados de malucos, mas todos nos sentimos sumariamente atraídos por aqueles que são malucos. Talvez porque a loucura é libertadora, é humana, é inspiradora, quebra todas as barreiras e fala, mesmo que todos digam o contrário, que é sim possível fazer.

E ainda hoje me lembro do Edgard e me pergunto o que terá sido dele, de onde ele tirou forças para remar contra a corrente por tantos anos – e penso sobre as coisas que talvez eu pudesse ter aprendido se tivesse me animado mais cedo a ser chamada de maluca.

VIDEO SUGERIDO

Chris Abani: On humanity (Sobre a humanidade)

www.ted.com/talks/chris_abani_muses_on_humanity.html





Capítulo 6

GERENCIANDO OS NOSSOS PAIS E OUTROS ADULTOS

“Uma pessoa logo descobre o quão pouco ela sabe quando uma criança começa a fazer perguntas.” – R. L. EVANS

Quando somos pequenos ou jovens, ficamos bravos e frustrados quando os nossos pais ou outros adultos que cuidam de nós não nos deixam brincar até tarde ou fazer toda a bagunça que gostaríamos de fazer. Muitas vezes não entendemos por que não podemos brincar com a comida ou com a faca na mesa ou por que não podemos pular da cadeira da sala – é tão legal, por que que eles não nos deixam?

Mas quando somos pequenos e jovens também achamos que os adultos sabem mais que nós e ansiamos chegar a esse dia em que conseguiremos ter a chave secreta que eles têm e que nos permitirá finalmente nos tornarmos adultos. Queremos saber tudo o que eles sabem e por que eles não têm medo, não choram, não dão xiliques e, o mais importante, eles sabem tudo sobre como funciona o mundo.

Alguns acham que virar adulto acontece quando se adquire a carteira de habilitação, outros quando se chega à idade em que podemos ir com os amigos aonde quisermos e até a hora que desejarmos. Alguns acham que virar adulto acontece quando se alcança o momento em que podemos beber, e outros acham que é quando se torna possível morar sozinho.

Ansiamos ter o poder de decidir e escolher o que comemos, quando dormimos, como decoramos nossos quartos, se pintamos as nossas paredes ou não, como as pintamos, como nos vestimos e o que fazemos nos fins de semana ou nas férias, e todas aquelas coisas que achamos tão restritas quando somos jovens.

Mas a verdade é que virar adulto não acontece de um dia para o outro, nem de uma semana para a outra, nem de um mês para o outro, mas sim através da própria jornada e dos tombos que a vida nos proporciona.

Não viramos adultos aos dezoito, nem quando temos namorado(a), nem mesmo quando arrumamos nosso primeiro emprego ou nosso primeiro apartamento.

Um adulto tem a responsabilidade completa pela sua vida e, muitas vezes, pela vida de outros – não há para quem reclamar nem para quem apontar o dedo quando alguma coisa vai mal ou não aconteceu como se esperava.

E é por isso que precisamos ter muito respeito por aquelas pessoas que são adultas e aproveitar para aprender muito com elas, especialmente os valores que são os pilares da nossa existência e que diferenciam uma pessoa da outra.

Mas é também muito importante entender como funciona esse mundo dos nossos pais e dos outros adultos para saber como navegar melhor e não bater de frente.

Nossos pais só querem o melhor para nós, e normalmente eles incluem muitos sonhos pessoais deles nesse "melhor". Esses sonhos variam muito de pai a pai – alguns, por exemplo, querem que sua filha tenha um bom casamento ou que seu filho arrume um bom emprego. Alguns querem que seus filhos fiquem sempre por perto ou então que seus filhos conheçam o mundo. Cada pai projeta seus sonhos, realizados ou não, em seus filhos, mas, independente

de quais sejam, a maioria deles se associa a um sonho só: eles querem uma vida melhor para nós do que a que eles tiveram. E eles tentam tudo o que eles sabem e podem para nos dar essa vida melhor, do jeito que eles a imaginam.

Mas essa "vida melhor" que eles querem nos dar varia muito, já que cada um deles tem uma experiência e vivência diferente.

Cada pai projeta seus sonhos, realizados ou não, em seus filhos, mas, independente de quais sejam, a maioria deles se associa a um sonho só: eles querem uma vida melhor para nós do que a que eles tiveram.

Por exemplo, aquele que cresceu com recursos limitados vai querer oferecer a seu filho uma vida com mais recursos, aquele que não viajou vai querer que seus filhos conheçam o mundo, aquele que viajou vai querer que viajem ainda mais e aquele que se separou vai querer que eles consigam ter um casamento feliz. Cada pai e cada família são muito diferentes, e as motivações de cada um são tantas como o número de pessoas caminhando neste planeta.

Mas no final do dia o que os nossos pais realmente querem (e acham que podem e devem nos dar) é uma vida com menos sofrimentos e erros, em outras palavras, o que eles enxergam que seja uma vida mais feliz do que aquela que eles tiveram. Parece ser um tipo de instinto natural, mas nenhum pai quer ver seus filhos chorando, tristes ou sofrendo – o maior sonho deles é que sejamos felizes, e muito mais felizes que eles.

Só que, como eles são adultos, e já vivenciaram e viram muito mais coisas do que nós, eles acham que sabem o que precisamos ter ou fazer para sermos felizes, e eles querem muito nos ajudar com isso.

E aqui está a chave para gerenciá-los.

Porque, em muitos casos, eles estão certos: precisamos de relações estáveis, uma vida balanceada, uma boa saúde e independência financeira para sermos pessoas felizes.

Mas o que acontece é que eles se sentem responsáveis para nos guiar em tudo isso.

Ao olhar para seus pimpolhos, um pai quer fazer todo o possível para oferecer alguma vantagem ou poupar algum sofrimento na vida de seu filho, daí surgem os famosos conselhos que tanto nossos pais como a maioria dos adultos adoram nos dar.

Eles nos veem tão jovens e inexperientes (e estão certos: em relação a eles, nossa experiência é praticamente nula), e pensam que, se construírem ou nos ajudarem a construir parte do nosso caminho, eles estarão fazendo um favor para nós (e o dever de pai).

Mas é aí que está o problema, já que eles vão tentar construir o nosso caminho baseado na experiência do caminho deles, baseado na jornada deles. Por isso que um pai que viu um artista na sua família falir não vai incentivar seu filho a se tornar um, já que sua experiência com essa escolha não foi tão boa e quer poupar seu filho do que ele considera uma iminente falência. Ou aquele que

Cada um dos nossos pais vai tentar nos oferecer o que ele conseguiu aprender na sua jornada, mas precisamos nos lembrar de que essa foi a jornada dele, que não necessariamente vai ser a nossa também.

viu como seu pai trabalhava dia e noite para acumular fortuna talvez vai querer dar para seu filho uma vida mais balanceada. E por aí vai. Cada um dos nossos pais vai tentar nos oferecer o que ele conseguiu aprender na sua jornada, mas precisamos nos lembrar de que essa foi a jornada dele, que não necessariamente vai ser a nossa também.

Ao mesmo tempo, precisamos ainda entender que somos inevitavelmente extensões dos nossos pais, não somos extraterrestres que aterrizamos um dia neste planeta sem ligações com outras pessoas. E, justamente por sermos parte de nossos pais, é inevitável termos características, visões e gostos similares aos deles.

É muito simples: aquele pai que é apaixonado por ciclismo vai colocar seu filho em uma bicicleta assim que puder e incentivá-lo durante toda a infância a praticar qualquer atividade relacionada a bicicletas. E o filho vai desenvolver desde muito cedo um gosto e até paixão por essa sensação de liberdade que andar de bicicleta proporciona para ele. O mesmo acontece com aqueles pais que são apaixonados por música, religião, natureza ou negócios. Eles vão nos alimentar com as coisas que eles mais amam e, por consequência, vamos sempre ter essa parte deles dentro de nós.

Isso não quer dizer que eles sabem ou deveriam saber quais são as respostas para as nossas vidas e quais são caminhos que deveríamos tomar, mas a maioria dos pais assume essa função achando que ela é parte de suas obrigações e no desejo e na esperança de nos poupar de sofrimentos, erros e decepções.

Então é muito importante entender essa forma deles de pensar, porque, ao entendê-la, podemos aprender a lidar com os nossos pais sem muitas brigas e desentendimentos.

Quando queremos fazer algo que vai contra os planos ou desejos deles, estamos apenas deixando-os nervosos – simplesmente porque estamos optando por um caminho que eles não nos aconselham, apenas porque eles não o conhecem. Pela ordem natural, por desconhecerem esse caminho, nossos pais acham que não podem fazer nada para garantir a nossa felicidade nessa escolha.

No entanto, a responsabilidade da nossa felicidade é nossa, e as decisões para alcançá-las também. Por mais parecidos que sejamos com os nossos pais, somos seres diferentes e independentes.

E, por mais incrível que possa parecer, a maioria dos adultos que vemos andando por aí não foi atrás de seus sonhos.

Até aqueles que aparentam ser muito bem-sucedidos e ter uma vida muito bem resolvida, além de ter resposta para tudo. Eles com certeza vão questionar os sonhos dos outros e de todos os que são mais jovens que eles. E por isso é muito importante que, quando isso acontecer, saibamos muito bem o que nos satisfaz e não

Ninguém pode duvidar de nós ou correr atrás de nossos sonhos mais que nós mesmos.

mudemos o nosso caminho só porque alguém que desistiu dos seus próprios sonhos duvide da nossa capacidade de alcançar os nossos. Ninguém pode duvidar de nós ou correr atrás de nossos sonhos mais que nós mesmos.

VÍDEO SUGERIDO

Larry Smith: Why you will fail to have a great career

(Por que vocês vão falhar em ter uma carreira brilhante):

www.ted.com/talks/larry_smith_why_you_will_fail_to_have_a_great_career.html





Capítulo 7

UM REGIME CHEIO DE VIAGENS E LIVROS

"Viajaremos até onde for possível, mas não conseguiremos, durante uma vida, ver tudo o que gostaríamos de observar ou aprender tudo o que desejamos saber."

– L. EISELEY

Muitos jovens se questionam se deveriam viajar, estudar fora ou ficar em casa e progredir em suas carreiras. Não há uma resposta certa, já que cada experiência tem sua importância, mas existem algumas lições que só as viagens podem nos oferecer. Talvez por isso seja bom desenvolver certo gosto por viagens enquanto ainda se é jovem.

No meu caso, o vírus da aventura me pegou desde muito cedo.

Não importava se era de bicicleta, ônibus, trem, carro, avião ou qualquer outro meio; não tinha sensação mais emocionante para mim do que ter que preparar a minha mala ou mochila na véspera de uma nova viagem. Desde pequena eu sou muito inquieta e abraço qualquer oportunidade para sair de casa e poder ver o mundo.

Não sei bem como, mas tenho uma leve suspeita de que essa inquietude ou "curiosidade", como alguns gostam de

Desde pequena eu sou muito inquieta e abraço qualquer oportunidade para sair de casa e poder ver o mundo.

chamar, tem algo a ver com outros dois hábitos que também adquiri desde muito cedo e que provavelmente ofereceram terra fértil para ela crescer.

O primeiro é um olfato aguçado para a aventura herdado do meu pai, que fazia questão de levar meus três irmãos e eu aos destinos menos convencionais que ele pudesse achar para nos mostrar o que era a vida de verdade, como ele gostava de chamar. O segundo é um apetite voraz (que só compete com aquele pela comida) por livros, despertado quando eu descobri a vida apaixonante das folhas e letras que não tem fim e que abordam coisas das quais ninguém fala na vida real.

Meu pai também nutria esse apetite, e todo sábado me levava a uma livraria que ficava perto da minha escola, era a única naquela época que vendia livros em inglês. Eu comecei a preferir os livros em inglês porque nesse estabelecimento havia a coleção inteira de *Sweet Valley High* e de *Sweet Dreams*, romances adolescentes que falavam de grandes mistérios como o primeiro beijo e o primeiro namorado. Meu pai deixava que eu reservasse tempo para ler as contracapas e escolher com cuidado as histórias que me atraíam, e assim que chegávamos em casa eu me fechava no meu quarto para ler. As horas voavam enquanto eu devorava página por página e preenchia minha cabeça com personagens e mundos novos e distantes.

Tive um livro em especial que me marcou muito e que não comprei na livraria com meu pai. Achei-o em uma estante em casa, no meio das fileiras de livros escolares que minha mãe tinha lido algum dia e que eu adorava inspecionar quando não estava lendo uma das minhas novas aquisições. O livro me chamou a atenção porque tinha um título diferente, *Living, loving and learning* [Vivendo, amando e aprendendo], e aconteceu que esse foi meu primeiro contato com o gênero de autoajuda. Na terna idade de onze anos, esse livro me abriu um mundo que me parecia fantástico.

Quer dizer que os adultos pensavam e falavam essas coisas?

O escritor dessa obra se chamava Leo Buscaglia, um italiano gordo de barba escura que morava nos Estados Unidos e que dava aulas na faculdade do sul da Califórnia de um curso chamado Amor 101. No livro, ele expunha muitos exemplos da sua experiência durante essas aulas e das várias viagens que ele tinha feito na sua vida. Filho de imigrantes italianos, ele contava como nunca faltou amor e alegria na sua casa, apesar de sua família ser muito humilde. Falou sobre como sua mãe sempre preparava gigantes recipientes de massa com molho de tomate fresco e alho picado e como, uma vez por mês, os pais enfiavam todos os filhos no carro e os levavam à sorveteria para comer quantos sorvetes quisessem. Ele também conta como, em várias ocasiões durante sua vida adulta, ele vendeu ou deu tudo o que tinha para viajar pela Ásia a fim de aprender sobre as pessoas que eram atingidas pelas monções e que uma vez por ano perdiam tudo, até suas casas, com as chuvas e inundações.

Eu li esse livro tantas vezes, maravilhada com a voz da pessoa que me falava alegremente por meio das páginas (até então eu só tinha lido livros de ficção), que sem perceber assimilei muitos de seus pensamentos, e estes me influenciaram (e continuam me influenciando) em muitas das decisões na minha vida.

Não é de surpreender que o vírus da aventura me pegou tão cedo.

Eu fiquei viciada com as vozes que saíam das páginas, cada livro me abria os olhos a uma nova forma de ver a vida e me oferecia uma viagem a um mundo novo. E li tanto que muitas vezes confundi o que foi realidade ou leitura, se de fato alguém tinha me dito algo ou tinha sido uma voz dentro de um livro.

Tem culturas em que as pessoas não usam papel higiênico ou talheres, em que usam a mão esquerda para se limpar e a mão direita para comer. Tem culturas em que não se chora ou não se expressa emoções porque é de mau gosto e se envia convites com meses de antecipação. Tem culturas em que não se ingere carne e outras em que se come grilos e ratos. Tem culturas em que as crianças aprendem a cantar desde muito cedo, e outras em que elas aprendem a importância do silêncio e da meditação. Tem culturas em que o espaço pessoal não existe, em que ficar perto dos outros, mesmo de pessoas desconhecidas, é a norma, enquanto, em outras, um pai não abraça seu filho porque é de mau gosto um tocar o outro. Tem culturas em que a mulher não tem direitos, em que o casamento é arranjado, e tem outras em que as mulheres se relacionam com outras mulheres.

Tem culturas em que se come abacate com açúcar e outras em que se consome essa mesma fruta com sal e limão, e outras em que nunca se comeu um abacate na vida. Tem culturas em que a religião é o corpo e a universidade, e, em outras, a família e o templo são as únicas religiões possíveis. Tem culturas em que as pessoas andam de bicicleta, e tem outras em que o carro é um bem precioso. Tem culturas que acolhem os estrangeiros, outras que suspeitam dos forasteiros e mais outras que sempre serão um mistério para os imigrantes.

Tem culturas em que as pessoas gostam de adornar os dentes com estrelinhas de ouro, outras em que as pessoas deixam os dentes ficarem escuros e vermelhos, e outras mais em que todos gostam de gastar fortunas na tentativa de branquear os dentes. Tem culturas em que as pessoas se vestem de preto quando alguém morre e outras em que se veste o branco. Tem culturas em que as mulheres vão à praia sem a parte de cima do biquíni e outras em que elas mal conseguem mostrar o rosto em público.

Lembro que quando saí da Guatemala para fazer a faculdade na Califórnia senti uma alegria enorme em poder usar bermudas e chinelos todos os dias da semana. Vindo de uma cidade pequena onde todas nós nos arrumávamos cuidadosamente para não sermos vistas ou tachadas de "meninas largadas", era uma libertação poder usar bermudas todos os dias e estar em um lugar onde as pessoas eram livres para escolher suas roupas, sem ninguém olhando feio para cabelos tingidos de azul ou vermelho. Tudo bem que, na minha euforia, talvez tenha extrapolado e chegado a ficar um pouco "largada" demais, para a preocupação dos meu pais, mas sorte a minha de ter tido essa oportunidade e espaço para experimentar ser diferente.

Quem dera mais culturas incentivassem e cultivassem a importância dos jovens poderem viajar e conhecer essa liberdade... Na Austrália e na Nova Zelândia, por exemplo, os jovens não só são motivados a viajar por meses, mas também por anos, para que apresentem na volta essa experiência como um ponto valioso na hora de uma entrevista para um emprego. Diferentemente de muitos países latino-americanos em que um jovem que fica viajando por períodos prolongados pode ser considerado vagabundo ou pouco esforçado, na Austrália e na Nova Zelândia essa experiência é considerada importante e até classificada para que possa ser incluída nos currículos: *overseas experience* – experiência no exterior.

Uma das lições mais valiosas de viajar e entrar em contato com outros mundos é aprender que a nossa forma de vida e as normas que às vezes achamos tão preciosas são aleatórias,

Uma das lições mais valiosas de viajar e entrar em contato com outros mundos é aprender que a nossa forma de vida e as normas que às vezes achamos tão preciosas são aleatórias, ou talvez só simples acidentes da cultura em que nascemos.

ou talvez só simples acidentes da cultura em que nascemos. Sair do que chamamos de nossa zona de conforto nos ensina que tem muitas outras verdades e formas de viver e ver a vida, e, no fim, tudo depende do ponto de vista sob o qual as vemos e das escolhas que nós fazemos. Isso também pode nos ajudar a nos livrar daquelas expectativas que a nossa sociedade nos impõe sobre nós mesmos, mas que curiosamente não valem nada em outras partes do mundo.

E talvez tudo isso se resuma em uma simples palavra: liberdade.

Viajar nos permite aprender que podemos ser livres e quem quisermos ser, já que tudo é válido neste mundo tão diverso e maluco.

Meus pais se separaram quando eu tinha uns treze anos, e essa foi uma época muito difícil para todos. A ruptura de nosso núcleo aconteceu em uma sociedade em que o divórcio ainda não era uma coisa muito comum. Eu era a única na minha classe com pais divorciados, e me sentia como um bicho raro que tinha feito alguma coisa errada. Enquanto as mães das minhas amigas cozinhavam biscoitos, minha mãe pensava em abrir um bar.

Nós tínhamos que dividir os nossos fins de semana entre meus pais; as férias do meio do ano nós passávamos com nosso pai, já que na maior parte do ano estávamos com nossa mãe. Imagino que não era fácil para ele ter que lidar com quatro crianças curiosas e hiperativas, por isso ele precisou inventar programas para que todos ficássemos juntos e entretidos.

Assim, liderados por meu pai, que já era um aventureiro por natureza, começamos a embarcar em várias jornadas memoráveis, tanto dentro como fora da Guatemala. O único aspecto de que estávamos cientes era que iríamos conhecer lugares maravilhosos,

mas que não teríamos muito conforto. Empenhado em nos mostrar como a vida era por trás das fachadas dos hotéis quatro ou cinco estrelas, ele fazia questão de nos levar a lugares e programas nos quais raramente quartos e camas eram opções garantidas.

Começamos atravessando nosso país de carro em uma época em que grande parte da estrada ainda era de terra, e assim só conseguimos chegar depois de muitas horas de viagem ao outro lado da fronteira do México. Existia só uma pousada na época, *O parador*, que era nojenta e quase abandonada. Era nela que dormíamos (na verdade minha irmã e eu ficávamos acordadas segurando uma mala contra a porta por medo de que algum bandido entrasse) para prosseguir no dia seguinte rumo às águas turquesas da península do Yucatán. Nossas paixões eram o mato e os trópicos, e nossas férias viravam excursões inesquecíveis (enquanto minha mãe descansava de nós!) para conhecer algum destino novo, onde, de preferência, não existesse muita infraestrutura ou turismo.

Assim fizemos várias viagens, algumas mais engraçadas que outras, mas teve uma que se destacou de todas e que permanece até hoje como a mais extrema. Foi uma das últimas viagens que fizemos, quando já éramos todos adultos (ou quase adultos!) e meu pai estava perto de se aposentar. Decidimos, nessa época, vir para o Brasil no final do ano de 1997.

Chegamos ao Rio prontos para a nova aventura, mas, depois de alguns dias, decidimos que o lugar era muito civilizado para o nosso gosto era a primeira vez que íamos a uma praia que incluía prédios e estrada asfaltada. Decidimos que seria melhor ir para o mato mesmo, e sem muita discussão pegamos o primeiro voo que conseguimos para Manaus, sem fazer nenhuma reserva para a volta, sem ter noção de que as férias de fim de ano são a pior época para viajar neste país (e sem imaginar que mais de quinze anos depois eu voltaria para casar e formar uma família).

Em Manaus contratamos o primeiro guia que achamos, confiantes de que ele nos levaria para a maior aventura das nossas vidas. O pobre Luis, como ele se chamava, mal sabia a natureza do grupo com o qual ele estava lidando, e no seu portunhol quebrado nos assegurou que nos levaria para conhecer os lugares mais maravilhosos que veríamos na vida.

Talvez tenha sido o nosso semblante europeu, ou talvez aquelas eram simplesmente as únicas opções que ele tinha para nos mostrar, mas o certo é que passamos cinco dias visitando lugares que não se pareciam em nada com os das fotos da Amazônia que tínhamos visto e imaginado. Uma hora havia uma floresta queimada, em seguida, um zoológico flutuante, outra hora, um acampamento quase pavimentado.

Frustrados, tentávamos explicar para ele que tínhamos vindo de um país com muito mato e que queríamos ver coisas selvagens às quais ninguém tinha chegado. Ele concordava energicamente, mas de nada adiantava, e no final dos cinco dias saímos decepcionados e querendo compensar aquela perda de tempo.

"Parece que as praias do norte são bonitas", falei para meu pai, mostrando as fotos no guia que tínhamos comprado.

Convencidos, decidimos que esse seria o nosso próximo destino, e fomos à primeira agência de viagens que encontramos. Só que, para nossa surpresa, não tinha nenhum voo disponível, já que estávamos na véspera do Ano Novo e, para sair de Manaus, a única opção disponível era um barco que demorava três dias para atravessar o rio inteiro, carregando outras trezentas pessoas a bordo. Sem muita opção e sem saber no que estávamos nos enfiando, compramos as nossas passagens e redes, e finalmente subimos no famoso barco.

Nunca vou me esquecer da cara que o meu pai fez no meio desse caldo humano em que braços e pés se confundiam entre uma

rede e outra, no qual tínhamos que engatinhar no chão sujo para conseguir chegar ao banheiro passando por baixo das centenas de redes e corpos pendurados. Dormir era impossível e significava deitar sob a bunda da pessoa deitada na rede de cima, sentindo os pés nas costas da pessoa deitada na rede ao lado e vendo os olhos abertos da pessoa deitada na rede do outro lado. Não existia um canto limpo ou livre nessa embarcação de três andares que parava a cada par de horas para colocar mais pessoas a bordo.

Nós éramos os únicos turistas a bordo, e passávamos grande parte do dia sentados no terceiro andar, que era o único ao ar livre, e no qual estava a cantina que nos oferecia a única comida disponível – biscoitos de coco e Coca-Cola. Um rádio tocava samba o dia todo com o volume no máximo enquanto observávamos os bêbados dançando e vomitando pelas beiradas (e às vezes dentro da embarcação).

Nesse horror, era uma aventura conseguir tomar um banho, e lembro que houve uma ocasião em que passamos a noite inteira deitados sobre uma mesa no terceiro andar porque não conseguíamos dormir naquele calor do segundo andar. Lá, não só tinham pendurado mais de trezentas redes, mas também enfiado cachorros e quem sabe quantos outros animais domésticos.

Esgotados, contávamos as horas para que aquele inferno acabasse, enquanto olhávamos os passageiros jogando caixas de refrigerantes no rio e barcos puxando enormes fileiras de árvores cortadas. Em uma tarde, um homem vomitou na nossa frente e um barquinho passou pelo nosso lado puxando um golfinho morto. Eu olhei para meu pai e falei:

“Depois disso, acho que podemos ir para a cadeia, sem problema algum.”

Mal sabíamos que depois de chegar a Belém ainda teríamos que encarar dezenas de horas de ônibus pelas partes mais pobres do

país até alcançar Salvador e conseguir imediatamente um voo de volta para o Rio de Janeiro (sem poder ver nem curtir nenhuma praia do norte), a fim de não perder nossa conexão de volta para casa. O engraçado era que, apesar de todo o desconforto e de todas as nossas reclamações, esse era o tipo de aventura que nos fascinava – improvisada e precária, uma oportunidade única para pôr à prova nossa tolerância e adaptabilidade.

Olhando para trás, hoje entendo e agradeço por cada uma dessas aventuras desconfortáveis e por ter tido a oportunidade de conhecer tantas coisas inesquecíveis, que não só nutriram minha curiosidade, mas também fortaleceram minha flexibilidade e

Olhando para trás, hoje entendo e agradeço por cada uma dessas aventuras desconfortáveis e por ter tido a oportunidade de conhecer tantas coisas inesquecíveis, que não só nutriram minha curiosidade, mas também fortaleceram minha flexibilidade e senso de humor.

senso de humor. Até hoje nós rimos dessas memórias e de cada desconforto. Até hoje eu consigo dormir no chão sem nenhum problema.

Por isso, a segunda palavra que me vêm à mente para resumir tudo isso é: resiliência.

Graças às aventuras com meu pai, meus irmãos e eu nos fortalecemos e viramos pessoas sem frescuras, com uma capacidade sem igual para nos virarmos com pouco e manter nosso senso de humor. Hoje, todas essas

aventuras e experiências de tantas viagens, perto e longe de casa, ainda vivem em mim e continuam transformando a minha vida eu não preciso mais de uma passagem aérea para sentir que estou embarcando em uma aventura, cada dia quando pego um ônibus é uma jornada, e por trás de cada esquina há um novo mundo a ser descoberto.





Capítulo 8

O MUNDO É DOS SEM-VERGONHA

.....
"A puberdade é a piada mais doentia que Deus lançou sobre nós." - E. IZZARD
.....

Se existe um purgatório, eu acho que já passei por ele.

Minha adolescência foi uma tortura grandiosa, em que tudo me parecia ser o fim do mundo e me fazia querer desaparecer da Terra. Se eu acordava com uma espinha gigante na ponta do nariz, queria morrer e rogava para que minha mãe me deixasse ficar escondida em casa a fim de que ninguém da escola pudesse me ver ou rir de mim. Se eu ficava em pé sem ser convidada para dançar em uma balada, queria morrer e rezava para que o chão me engolisse, sem que ninguém tivesse me visto parada sozinha. Se minha mãe me mandava as roupas erradas (e ela adorava enviar as suas calças de flanela dos anos 1970) quando eu ia dormir na casa de uma amiga, eu queria morrer e sonhava em fugir para longe dela.

Tudo me aterrorizava. Minha personalidade ainda era muito frágil e insegura, e não conseguia me livrar do medo do "o que diriam". Eu vivia embaixo da grande nuvem negra da vergonha, hiperconsciente de cada passo que dava (ou que não dava).

Nunca vou me esquecer do dia em que meu pai me deu um abraço na frente do vizinho e senti, com as suas mãos, as tiras do sutiã novo que eu estava usando.

"Mas você está usando sutiã!", exclamou ele para o bairro inteiro ouvir, puxando feliz da vida a tira. Eu fiquei pálida e senti que ia desmaiar enquanto o vizinho ria quietinho.

Minha transição para os sutiãs era recente, e ainda não tinha me acostumado à realidade deles.

Semanas antes eu tinha combinado com uma amiga a fim de que nós duas nos animássemos para ir à escola usando sutiã pela primeira vez. Nós duas aparecemos usando camisetas e um grande casaco por cima para que ninguém pudesse ver que estávamos usando algo além das nossas roupas de sempre. Mas, quando deu meio-dia, ambas estávamos banhadas em suor e, desesperadas, fomos ao banheiro para arrancar aquele negócio que nos parecia tão incômodo.

Nessa linha pré-adolescente, minha passagem pelo resto da tão temida puberdade também não foi nada mais fácil.

Nessa linha pré-adolescente, minha passagem pelo resto da tão temida puberdade também não foi nada mais fácil. No dia em que tive minha primeira menstruação fiquei mortificada. Apesar de toda a expectativa e mistério ao redor do grande momento,

quando ele finalmente chegou eu senti tanta vergonha que não consegui contar para ninguém, nem para minha mãe. Em vez disso, mantive segredo até a empregada achar as calcinhas que eu tinha escondido e mostrar para minha mãe.

E aí começou a festa. Eu passei a viver atormentada com aquela visita mensal que trazia a terrível ameaça de eu manchar minhas calças na hora da escola e desenvolvi a mania de sempre levar um casaco comigo, por via das dúvidas, além de ficar olhando para atrás a cada cinco minutos para ver se nada tinha acontecido.

Vivia ansiosa e não via a hora de poder virar uma dessas mulheres adultas e sofisticadas que pareciam ter tudo sob controle.

Mas, para minha surpresa, a insegurança e a vergonha geradas durante esses anos da puberdade continuaram durante a minha adolescência, meus vinte e trinta anos, e pareciam que jamais iam desaparecer.

Sem importar o que eu fazia, eu sempre sentia que tinha alguma coisa errada comigo e da qual eu precisava me envergonhar.

Se não era da pinta grande e preta na minha mão esquerda que meu pai gostava de chamar de mosca, e que eu ficava escondendo o dia todo virando a palma da mão para cima e usando o relógio na mão direita, eram meus lábios que eram muito finos e que faziam as pessoas se aproximarem de mim e me pedirem para abrir a boca para ver se tinha mais lá dentro. Ou senão, era minha forma de caminhar, que segundo minha mãe, assemelhava-se a de um pato, ou a forma de ingerir líquidos, que eu não conseguia fazer sem emitir barulho. Ou eram minhas roupas, meus sapatos, minha bolsa. Ou era o estado de meus cabelos, encaracolados por natureza, com os quais eu lutava dia após dia.

Em cada fim de dia, eu temia ter que entrar no ônibus da escola e me deparar com o menino da classe acima da minha fazendo piadas sobre meu afro e falta de lábios. Hoje chamam isso de *bullying*, mas naquela época ninguém prestava muita atenção, era só a ordem natural das coisas. Se você tinha algo engraçado ou diferente, alguém ia rir de você. E por alguma razão ele tinha encanado comigo, não cansava de me transformar em motivo de chacota para o resto do ônibus.

Nessa angústia adolescente, igual à de muitas outras meninas dessa idade, enfrentei por anos o tortuoso relacionamento com a comida, que de um dia para o outro virou de ponta-cabeça meus hábitos alimentares. Enquanto em um dia podia comer

nada além de saladas e frutas, no outro chegava a comer um bolo inteiro e ainda ter espaço para atacar o resto da geladeira. Tive várias épocas de grandes e pequenas proporções, temerosa de cada bocadinho que colocava na boca e desejando cada um que passava pela minha frente. E, mesmo depois de anos de peso estável, a lembrança desses anos acima da média persistia no meu subconsciente. Uma vez gorda, sempre gorda.

Independente do meu tamanho, eu nunca fui a menina segura de si mesma que consegue tirar as roupas no vestuário na frente das outras, e sempre me sentia intimidada por aquelas que não tinham vergonha de se mostrar em público. Era como se elas tivessem algum poder invisível que as fazia distintas e mais supremas que o resto.

Quando aos dezoito anos fui para Califórnia, eu ainda era muito insegura e não me sentia confortável em ambientes sociais em que tinha que conhecer pessoas novas ou em que tinha que aparecer muito. Mas um dos requisitos obrigatórios da faculdade era uma aula para aprender a falar em público, e foi com muito medo que eu me inscrevi nela.

A professora nos explicou que teríamos três exercícios durante os quais teríamos que ir à frente da sala e nos apresentar para o resto da turma, e que no primeiro seria preciso falar sobre como se faz alguma coisa. Eu queria morrer, não só pelo fato de ter que ir à frente de todos (sentia que seria o equivalente a ter que aparecer nua na rua), mas também de que todos iriam poder ouvir meu sotaque espanhol e rir de minha falta de lábios e de meu jeito de falar, que meu pai insistia que parecia como se eu tivesse uma batata na boca.

Fiquei morrendo de medo enquanto via como os meus outros colegas subiam ao púlpito e faziam suas apresentações. Quando chegou a minha vez, fiquei paralisada e fugi da sala. Como no sistema norte-americano dava para desistir das aulas durante as

primeiras semanas, resolvi fazer isso e só retomá-la no final do meu segundo ano, quando meu inglês estaria mais desenvolvido.

Só que, quando chegou a hora, apesar do meu inglês já estar bem mais fluente, eu ainda senti aquele terrível frio na barriga de ter que ir à frente da sala. Mas não tinha como fugir, essa aula era obrigatória e eu precisava completá-la para poder receber o meu diploma. Assim, decidi escolher um tema que fosse simples e que não desse margem para eu esquecer-lo na hora que o pânico se apoderasse de mim. Resolvi falar sobre como se faz uma pizza: construí uma pizza de papelão, recortei e colori os diferentes ingredientes, como tomates, cebolas e cogumelos, que colocaria sobre ela.

Assim, decidi escolher um tema que fosse simples e que não desse margem para eu esquecer-lo na hora que o pânico se apoderasse de mim.

E, assim, com a boca seca e o coração a mil, fui lá para a frente da sala e fiz minha apresentação. Meus colegas acharam minha pizza de papelão muito engraçada, e eu senti um imenso alívio depois que os tenebrosos três minutos de apresentação finalmente acabaram. Consegui fazer os outros dois exercícios que nos pediram, mas o pânico foi o mesmo, e não acho que a aula me ajudou muito a superar minha vergonha de ser vista.

Anos depois, quando eu estava no meu primeiro trabalho, ainda sofria cada vez que tinha que apresentar os resultados da minha marca, temendo que o pânico me fizesse esquecer algum dado ou número importante. Por sorte, eu trabalhava muito e conseguia alcançar meus objetivos, então, apesar do meu nervosismo, minhas apresentações eram normalmente bem recebidas pelo resto da equipe e pouco criticadas.

Mas esse temor de falar em público continuou me perseguindo e, conforme fui progredindo na minha carreira, fui percebendo que era uma das competências mais importantes que uma pessoa podia ter para obter sucesso em qualquer área de atuação. O poder e a capacidade de se mostrar e falar bem em público era algo que não tinha preço.

Nunca vou esquecer a experiência que tive muitos anos mais tarde trabalhando para um chefe bem mais jovem que eu, que se comportava como se fosse o presidente da empresa. Ambicioso e esperto, ele tinha conquistado uma posição muito alta muito cedo, em grande parte por causa do seu extremo alto nível de autoestima e à sua capacidade de fala, independente das circunstâncias.

Recordo que eu ficava perplexa quando tínhamos alguma reunião com algum alto executivo mais velho que ambos, e ele, sem vergonha alguma, começava a dar aquele discurso dele, como se fosse um pastor orando em uma igreja ou um ator encenando em uma peça de teatro, elevando sua voz e gesticulando

E era isso que me deixava mais atônita, porque muitas vezes ele não tinha tanto para falar, ou mal sabia do assunto que estava falando, mas não tinha vergonha alguma e sempre conseguia construir um discurso e se colocar como se fosse uma autoridade no assunto.

exageradamente com as mãos e o corpo. Eu morria de vergonha por ele, mas ele nem ligava se alguém estava achando que era exagerado ou eloquente demais. Confiante de si mesmo, continuava como se fosse a apresentação mais brilhante e mais maravilhosa deste mundo.

E era isso que me deixava mais atônita, porque muitas vezes ele não tinha tanto para falar, ou mal sabia do assunto que estava falando, mas não tinha

vergonha alguma e sempre conseguia construir um discurso e se colocar como se fosse uma autoridade no assunto.

Eu, por minha vez, às vezes até mais bem preparada que ele, sempre sofria com a vergonha e nunca conseguia me expressar bem. Sempre falava em um tom baixo, com frases entrecortadas e tinha que repetir as palavras para que a pessoa compreendesse o que eu estava tentando dizer.

Um dia, depois de uma reunião, ele se sentiu generoso (ou talvez sentiu pena de mim) e compartilhou comigo seu segredo. A verdade era que ele praticava suas apresentações o tempo todo, na cama, no chuveiro, no carro, a fim de estar sempre pronto a qualquer momento para posicionar-se com autoridade diante um cliente. Ele aconselhou que eu fizesse o mesmo, e mais: ele achava que minha forma de andar muito rápido mostrava que eu não tinha controle das coisas, que sempre estava apressada, e me sugeriu que era melhor eu aprender a caminhar mais devagar. Para isso, ele recomendou que eu amarrasse uma corda ao redor de meus pés e praticasse em casa passos menores e mais lentos. Assegurou-me que funcionava, já que ele tinha tido o mesmo problema e, depois de alguns meses praticando com a corda, havia conseguido diminuir seus passos.

Eu achei suas sugestões um pouco demais (talvez me faltasse a dose de ambição necessária), mas o certo era que ele tinha chegado onde estava pelo fato de que não tinha vergonha de parecer metido ou arrogante, e mostrava uma autoconfiança impecável.

Será que ele nunca sentiu vergonha na sua vida?, perguntava-me.

Logo descobri que não era como se ele não tivesse tido sua própria dose de anos de adolescência traumática. Ele me contou como ele tinha sofrido de um caso grave de acne por muitos anos, em que nem os antibióticos que o médico prescrevia nem as pomadas da

farmácia conseguiam aliviar os vulcões que cobriam a cara dele. Mas, apesar desses anos de sofrimento (ou talvez a razão deles) e de algumas cicatrizes ainda visíveis, ele tinha se erguido com sua autoestima intacta.

Recentemente me lembrei dele quando me chamaram para ser juíza em um evento de startups e tive a oportunidade de ver dez empreendedores apresentando os seus projetos. Fiquei pensando o quão difícil era para cada um deles mostrar em dez minutos o trabalho de meses ou anos, e como (justamente ou não) aqueles que falavam melhor automaticamente ganhavam a confiança do público e dos próprios juizes. Também fiquei pensando como muitos deles começam com uma ideia que vira um sonho e como têm que convencer os outros a os seguirem pela simples capacidade da persuasão. E como, a partir de uma ideia que surgiu do nada, empreendedores e sonhadores conseguem

construir empresas e impérios, como aqueles do Google e do Facebook.

Pensei sobre como ninguém nos diz quando somos adolescentes que falar em público é uma das coisas mais importantes e mais temidas pela maioria das pessoas, mesmo por aquelas que parecem ter esse dom natural de conseguir levantar-se na frente dos outros.

Pensei sobre como ninguém nos diz quando somos adolescentes que falar em público é uma das coisas mais importantes e mais temidas pela maioria das pessoas, mesmo por aquelas que parecem ter esse dom natural de conseguir levantar-se na frente dos outros. E como, se nos falassem sobre isso mais cedo nas nossas vidas e nos dessem mais

exercícios e lições de casa para trabalhar e aprender a superar as nossas vergonhas, talvez mais jovens tivessem a coragem para se mostrar e ser vistos.

E refleti no porque de ninguém ter pensado em montar um curso mandatório chamado Vergonha 101 – que fosse dado desde cedo, tanto na pré-puberdade como na pós-puberdade, em que todos pudéssemos aprender sobre a natureza das vergonhas, a ocorrência delas em todas as nossas vidas e os efeitos que elas vão deixando em nós. Assim talvez fosse mais fácil para os jovens entenderem que as coisas que eles consideram "o fim do mundo" são sentimentos universais, que todos enfrentamos em diferentes graus e formas, e que ninguém, nem o mais popular ou bem-sucedido da sala é poupado dessas experiências que parecem tão desastrosas. Quem sabe isso nos ajudaria a ser mais leves e mais compreensivos com nós mesmos e com os outros, e a mostrar mais do nosso real potencial.

VÍDEO SUGERIDO

Amy Cuddy – Your body language shapes who you are

(Sua linguagem corporal define quem você é):

www.ted.com/talks/amy_cuddy_your_body_language_shapes_who_you_are.html





Capítulo 9

À PROCURA DA SORTE

"Sempre que a sorte bateu em minha porta, me encontrou trabalhando."

– P. PICASSO

Uma das coisas que mais me impressionou quando morei no Sri Lanka foi a questão da sorte. Fiquei muito surpresa ao ver como as pessoas de lá são obcecadas com a sorte de uma forma que chega a parecer cômica para nós.

Lembro que, no dia em que meu namorado (hoje meu marido) e eu chegamos a Colombo, fomos dar uma volta pela cidade de manhã em um táxi e passamos na frente de um hotel onde estava entrando uma noiva e noivo, além de toda a família e convidados. Curiosos, perguntamos para o taxista do que se tratava, e ele nos ofereceu nossa introdução à cultura da astrologia que rege o país, e falou sobre como tudo o que os sri lankenses fazem é decidido pelos seus mapas astrais.

No caso do casamento, a data e a hora certa para fazer a cerimônia e a comemoração eram decididas com base nos mapas astrais. Estes definiam qual era o momento com mais sorte para os noivos formalizarem a união, mesmo se isso significasse que tinham que se casar em um horário inóspito no meio da madrugada ou à noite.

Nós achamos tudo isso muito engraçado e bizarro, mas logo descobrimos o quão séria era a leitura dos mapas astrais, e, na verdade, era a base fundamental para decidir se um homem e uma mulher podiam sequer namorar.

Como lá se dirige do lado esquerdo da rua e o trânsito é um caos total em que todos buzina e jogam os carros de um lado para o outro, a empresa para a qual eu trabalhava me ofereceu um motorista como medida de segurança. Ele era um homem jovem e simpático que se chamava Indiga, e sonhava ter uma tatuagem de dragão no ombro, além de conseguir um trabalho na Arábia Saudita, onde poderia ganhar um salário melhor trabalhando como garçom em um dos grandes hotéis locais.

Lembro que certa vez ele conheceu uma mulher durante um fim de semana passeando com seus amigos no parque e se entusiasmou muito por ela. Pediu-me um adiantamento de salário porque queria convidá-la para comer um bolo e tomar um refrigerante. Parecia que ela também tinha gostado muito dele, porque tinha aceitado seu convite. Passaram a se encontrar durante vários sábados com outros amigos no parque, já que na cultura deles não é bem visto que jovens solteiros, especialmente mulheres, se encontrem sozinhos com possíveis pretendentes.

Eu acompanhava a evolução do romance e, a cada segunda-feira, Indiga parecia mais sorridente e animado, a menina realmente parecia gostar dele. Então chegou o momento em que ambos decidiram que estava na hora de fazer seus mapas astrais e ver o que seus astros tinham para falar sobre o relacionamento.

Infelizmente, os planetas de cada um não batiam nos oito pontos mínimos em que precisavam bater para que o relacionamento deles pudesse ter um futuro cheio de boa sorte, e, por consequência disso, ambos decidiram parar de se ver.

Quando questionei por que ele não tentava de novo e esquecia o prognóstico dos mapas astrais, ele me respondeu muito seriamente que isso não se faz, porque era ir contra a vontade dos deuses, o que poderia trazer muito azar para sua família. Eu ainda tentei insistir um pouco mais, falando que, se ambos se gostavam, era uma pena que desistissem sem sequer tentar - mas ele só

balançou a cabeça do jeito engraçado que eles têm para isso e retrucou: “O que posso fazer?”

Lembro que fiquei perplexa ao ver como alguém tão jovem podia ser tão temeroso dos mapas astrais e como nem sequer existia nele a vontade ou o atrevimento de questionar ou de desafiar algo que ninguém conseguia provar. Mas também me impressionou muito a forma como ele conseguia controlar suas emoções e a decepção sem fazer o maior drama, simplesmente aceitando que existia algo muito maior que ele, que era o que, no final do dia, determinava as decisões.

E não era só a questão dos casamentos e relações que era regida pelos planetas, logo descobri que a cultura toda seguia os famosos mapas astrais e a questão da boa sorte.

De manhã quando eu entrava no carro para ir ao trabalho, a primeira coisa que Indiga fazia era abençoar o volante, passando suas mãos três vezes ao redor dele e inclinando sua cabeça. Quando perguntei do que se tratava, ele respondeu alegremente que era para que os deuses protegessem seu caminho, porque ele gostava do seu trabalho e não queria perdê-lo. Logo, quando já estávamos na estrada, passávamos na frente de um templo budista, e ele sempre parava o carro para descer e fazer uma oferenda, não importando se tinha muito trânsito ou se eu estava atrasada para onde eu tivesse que ir.

Uma das coisas que me impressionou foi a cerimônia que tivemos no trabalho no dia que iam começar a construção de uma nova fábrica.

Mas também me impressionou muito a forma como ele conseguia controlar suas emoções e a decepção sem fazer o maior drama, simplesmente aceitando que existia algo muito maior que ele, que era o que, no final do dia, determinava as decisões.

Fomos todos chamados para sair no terreno onde seria a construção a fim de ver os monges budistas que tinham sido convidados para abençoar o primeiro tijolo que seria usado na construção. Depois de muitos cantos, muitas oferendas e rituais esquisitos, eles colocaram o tijolo dentro do buraco que tinha sido especialmente cavado para a ocasião, que, por consequência, também tinha sido cavado de acordo com a orientação que os mapas astrais tinham determinado como a melhor para atrair o máximo de boa sorte. Eu não conseguia acreditar que para algo tão sério e grande, como era a construção de uma fábrica, eles também consultavam e faziam o que os mapas astrais ditavam.

A reverência pela sorte permeia todas as fases da vida, desde o nascimento dos filhos, quando as mães colocam aquele ponto preto, grande e feio no meio da testa do recém-nascido. Eu não entendia qual era o propósito disso até que me explicaram que era para tirar o mau-olhado e para proteger os bebês. Também aprendi que eles não gostam que tirem fotos das crianças porque acredita-se que as câmeras podem roubar as almas dos pequenos. Como resultado, as empresas que querem fazer publicidade com crianças passam a maior dificuldade tentando achar mães que deixem que seus filhos sejam fotografados e filmados.

Também não é costume nem é bem visto que as pessoas elogiem um bebê falando: "Que lindo!", como nós fazemos deste lado do mundo. Lá, isso é considerado de muito mau gosto e fonte de muito azar. Em vez disso, se a pessoa quer falar alguma coisa, deve só comentar o quão saudável ou bem nutrido o bebê está. E o nome da criança também é escolhido de acordo com os mapas astrais – normalmente eles ditam qual é a primeira sílaba que tem que ser usada no nome para não se discordar dos astros.

Mas acho que o que mais me impressionou foi quando aprendi o significado da palavra *hondai*. Lá, quando alguém pergunta: "Oi, tudo bem?", a outra pessoa nunca vai responder "Tudo bem, e você?" Para eles, isso significa tentar aos deuses com a nossa

prepotência e arriscar enfiá-los. Em vez disso, é melhor e mais comum responder *hondai*, que quer dizer "Só mais ou menos", e assim evitar a irritação dos deuses e que eles enviem azar para as pessoas.

Eu achei tudo isso fascinante, mas também triste, porque desde muito cedo os jovens são treinados e educados a acreditar que a maior parte de suas vidas são regidas por forças maiores, e que a única coisa que eles podem fazer é prestar atenção nesses rituais para prevenir a fúria e o mau agouro dos deuses. Eles não acreditam no poder de fazer acontecer e vivem a maior parte de suas vidas temerosos do que pode ocorrer.

Dentro de minha educação ocidental, sinto que é um tipo de conformismo desnecessário, em que os jovens não são incentivados a ter coragem e ousadia para questionar e testar as regras estabelecidas, mas simplesmente domados a continuar as tradições que os pais deles seguiam e que os pais dos pais deles também.

Não quero dizer que a nossa educação no mundo ocidental é necessariamente melhor, mas, no geral, desde muito cedo, nos ensinam a acreditar que uma pessoa tem certo grau de poder e que, se ela quer, ela pode, por meio do esforço e do trabalho, fazer acontecer e criar o seu próprio caminho.

No geral, não acreditamos que não há muito que possa ser feito, nem aceitamos o que os nossos mapas astrais definiram para nós; nos rebelamos

Não quero dizer que a nossa educação no mundo ocidental é necessariamente melhor, mas, no geral, desde muito cedo, nos ensinam a acreditar que uma pessoa tem certo grau de poder e que, se ela quer, ela pode, por meio do esforço e do trabalho, fazer acontecer e criar o seu próprio caminho.

quando as regras ou ordens não tem um porquê. Aliás, muitas vezes a motivação para inovar pode vir de questionar o que até então têm sido aceito como uma norma.

Na nossa cultura, nós também chegamos a fazer e a consultar os nossos mapas astrais, mas eu sinto que os usamos mais como uma guia para nos entender e mostrar no que precisamos prestar atenção, em vez de uma forma final e absoluta para tomar as nossas decisões. Nossas emoções ainda falam mais forte e são menos domáveis que aquelas em países como o Sri Lanka, onde a maioria dos casamentos ainda é arranjada pelos pais e mapas astrais.

A sorte para nós está mais relacionada a pequenos milagres no nosso dia a dia, como "Que sorte que não peguei trânsito!" ou "Que sorte que me encontrei com você!", do que com algo relacionado ao medo ou à prática de algum ritual diário.

Bem mais comum para nós, em oposição ao caso dos sri lankenses, é que as coisas não vão cair do céu, sejamos religiosos ou não, e que é bem melhor correr atrás do que queremos do que ficar quietos ou rezando em um canto. Nossa cultura de fazer acontecer e alcançar o sucesso não valoriza tanto os momentos de reflexão ou contemplação interna, e sim promove a atividade e a luta constante para alcançarmos os nossos objetivos.

Depois de muitas experiências e tombos, cheguei à conclusão de que, se temos que ter uma fórmula para procurar a sorte, ela não é totalmente baseada no conformismo temeroso de países como o Sri Lanka nem na correria desenfreada de culturas como a nossa, em que se acredita que o indivíduo tem poder para tudo, mas sim em uma combinação de ambas.

Por mais difícil que seja acreditar nisso, dentro do nosso universo, que costuma ser, muitas vezes, cínico e pragmático, existem forças maiores atuando ao nosso redor que não conseguimos

enxergar porque simplesmente não sabemos como. Cada religião ou cultura as chama de formas diferentes e podem ser geradas por deuses, energias, astros ou outras pessoas, mas eu acho que o importante é acreditar que existe algo maior e saber que, se dermos o melhor de nós e trabalharmos pelo que queremos, podemos ativar essas forças, mesmo se não conseguimos enxergá-las ou explicá-las.

O importante é acreditar que existe algo maior e saber que, se dermos o melhor de nós e trabalharmos pelo que queremos, podemos ativar essas forças, mesmo se não conseguimos enxergá-las ou explicá-las.

Por outro lado, acho que temos que resgatar nossa crença de que podemos ser protagonistas e criadores do nosso destino, e que não tem nada como o trabalho e o esforço para abrir as portas e oportunidades das quais precisamos. Porque, apesar de termos crescido dentro desta cultura mais livre, parece que muitos de nós logo se conformam com os obstáculos e dificuldades que a vida nos coloca, e param de acreditar que podemos fazer acontecer. A crença de que os nossos resultados estão diretamente relacionados ao nosso esforço é muito animadora e libertadora, porque nos faz sentir que as decisões estão nas nossas mãos e que temos certo grau de poder sobre nós mesmos e o mundo.

O que acontece frequentemente é que, como as coisas muitas vezes não surgem no tempo em que esperávamos, perdemos a paciência e a paixão pelo nosso trabalho. E talvez aí seja importante aprender um pouco da cultura sri lankesa e não anular a sorte – ou como quisermos chamá-la – só porque queremos nos relacionar com ela. A sorte que nos permite conhecer a pessoa certa na hora certa, que é resultado de ter corrido atrás e saído para encontrar essa pessoa, também nos faz lembrar de que não

somos onipotentes e que há outras forças que desconhecemos rondando por aí. Nossa responsabilidade é não perder nossa confiança só porque as coisas não acontecem no tempo e do jeito que imaginávamos.

Também podemos aumentar nossas probabilidades de sorte com ações simples, como nos lançando em iniciativas e aventuras que nos coloquem em contato com outras pessoas que estão agindo. Só o fato de nos relacionarmos com pessoas que estejam fazendo seus sonhos acontecerem já aumenta nossas chances de realizar nossos próprios sonhos. Porque a energia dos outros é contagiosa, e aqueles que fazem acontecer não se sentem como vítimas da vida ou do destino, não receiam que não haja coisas boas o suficiente para todos. Eles sabem que as possibilidades são infinitas e gostam de animar e ajudar os outros a acreditar que é possível fazer acontecer, se houver dedicação e se os sonhos forem levados a sério.

Elizabeth Gilbert contou sua experiência ao escrever o livro *Comer, rezar e amar* na linda palestra que ela deu no TED chamada *Your elusive creative genius* (Seu gênio criativo elusivo). Ela compartilha como o sucesso de seu livro foi tão inesperado e como ela lida com esse sucesso e continua seu trabalho como escritora, sem se desanimar com a possibilidade de que nada mais que ela escreva tenha esse mesmo impacto. E explica como ela descobriu que na Roma e Grécia antigas as pessoas não acreditavam que a criatividade viesse das pessoas, senão de um gênio criativo, e como isso a fez se sentir bem, porque a absolvía da imensa responsabilidade do sucesso ou fracasso – era toda culpa de seu gênio criativo. Mas que o que dizia respeito a ela era simplesmente fazer sua parte – trabalhar e escrever.

Se quisermos chamar essa energia de sorte, coragem ou gênio criativo é escolha de cada um, mas o certo é que quem se arrisca mais cedo, tenta caminhos desconhecidos e se dedica plenamente aumenta suas chances de encontrar soluções e oportunidades

novas, ao contrário daquele que, por medo, prefere seguir os caminhos mais seguros e aparentemente garantidos.

VÍDEO SUGERIDO

Elizabeth Gilbert – Your elusive creative genius

(Seu gênio criativo elusivo):

www.ted.com/talks/elizabeth_gilbert_on_genius.html





Capítulo 10

ATREVA-SE A FAZER UM COCÔ FEDERAL (W. HERTZ)

"Falhar é uma das maiores artes no mundo."

– C. KETTERING

Lembro que muitas vezes eu olhava para o meu currículo e pensava: "Se ao menos soubessem o caos que existiu por trás desses logros..." Porque na superfície tudo parecia indicar que eu era de fato uma "jovem potência" para as empresas – tinha estudado nos lugares certos e trabalhado nos lugares mais certos ainda. Com vinte e poucos anos tinha toda uma carreira pela frente. Mas, por trás de cada linha desse currículo, tinha uma história cheia de tropeços, dúvidas e erros que revelaria uma pessoa completamente diferente daquela que aparecia no papel.

A própria Tina Seelig fala no seu livro *What I wish I knew when I was 20* [O que eu gostaria de ter sabido quando tinha 20 anos] sobre um exercício que ela faz com seus alunos, no qual ela pede para eles reescreverem seus currículos, mas, em vez de listar os êxitos e sucessos, eles precisam relacionar todos os erros que cometeram.

É interessante que todos temos vergonha de errar e tentamos esconder os nossos tropeços, evitando cometer mais deles ao incorporar manias de perfeição – alguns viram ultra organizados, outros, ultra esportistas, outros, obcecados com a comida ou com a beleza, e outros, ainda, adotam até algumas manias bizarras como lavar as mãos e escovar os dentes mais de vinte vezes por

dia – a única garantia que temos é que vamos continuar errando, não importa que nova compulsão tenhamos adotado.

Eu já cometi tantos erros e tropeços que mal consigo me lembrar de todos.

Teve a vez em que beijei o namorado da minha amiga na frente dela, e continuei beijando-o enquanto os olhos dela iam ficando maiores (a única desculpa é que tinha bebido algumas cervejinhas a mais). Teve a vez em que comecei a chorar na frente de um chefe, mas chorando rios, sem conseguir me controlar e tendo que usar a manga da minha blusa para limpar a nariz. Teve a vez em que trabalhava em uma agência de publicidade e critiquei na frente do cliente o trabalho que o nosso departamento criativo tinha feito.

Teve a vez em que perdi minha bolsa com todos os recibos da minha viagem de trabalho e fiquei que nem louca procurando-a por todos os lados. Teve a vez em que contratei uma funcionária sem verificar suas referências, e logo paguei muito caro pela minha irresponsabilidade. Teve a vez em que vomitei e chorei no casamento de uma das minhas melhores amigas, e a vez em que quebrei a câmera preferida do meu marido. Teve a vez em que comi toda a cobertura do bolo, e a vez em que comi todos os chocolates de minha colega de quarto.

Profissionais ou pessoais, os meus erros sempre me fizeram sentir vergonha e vontade de me esconder do mundo.

Profissionais ou pessoais, os meus erros sempre me fizeram sentir vergonha e vontade de me esconder do mundo. Para mim eram coisas terríveis que eu precisava evitar, e que me lembravam de que tinha que aumentar e aprimorar minha

vigilância sobre mim mesma, porque eu era um desastre ou tinha algo de anormal e precisava ser melhor, me esforçar muito para ser perfeita.

E aí me transformei em mãe, e tudo virou de ponta-cabeça. Eu achava (tinha certeza absoluta) que tinha aprendido muito bem com os meus pais e que nunca, mas nunca, ia cometer os erros que eles tinham cometido comigo. Nunca levantaria a voz, nunca gritaria, nunca perderia a paciência. Seria não só a mãe, mas a mulher perfeita, que conseguiria controlar a maternidade e a vida sem problema algum.

Essa mentalidade era bastante arrogante de minha parte, e mal sabia eu da grande lição de humildade que meus filhos me dariam, porque, por melhores que fossem minhas intenções, o certo era que eu não conseguiria me vigiar o tempo todo, e logo comecei a ver como cometia os mesmos erros pelos quais eu tinha criticado meus pais.

Nossos filhos não são máquinas que podemos programar e direcionar para responder a todas as nossas expectativas e necessidades. Eles tem uma vida própria, uma vida muito ativa e independente desde muito cedo, e muito rápido aprendemos que esses seres aos quais damos a vida não são totalmente controláveis (nem deveriam ser). Devemos, enfim, deixar as expectativas inúteis de lado e curtí-los.

Uma das coisas com as quais eu me angustiei foi a fralda. Ter que limpar o cocô todos os dias era um desafio, e, quando chegou a idade em que foi preciso tirar as fraldas, eu não conseguia lidar com a bagunça das roupas e dos sapatos sujos.

Pesquisei, li tudo o que achei, tentei fazer filminho no banheiro e, no final das contas, decidimos fazer uma reunião extra especial com a professora da escola para tentar resolver o problema.

A mulher era uma senhora mais velha que tinha muita experiência trabalhando com crianças. Depois de escutar minhas preocupações, ela falou:

"Você sabia que o cocô é a primeira obra de arte dos humanos? E que o pior que você pode fazer é mostrar cara feia ao cocô de seu filho, reclamar do fedor ou qualquer coisa do tipo?"

Fiquei muda, ninguém tinha me falado disso antes.

Com essa conversa, relaxei um pouco e entendi que teria que respeitar o tempo de meu filho – que não poderia impor o meu, nem meus traumas pessoais.

E pensei muito sobre a analogia do cocô como nossa primeira obra de arte, sobre como ninguém nunca tinha me falado disso.

E pensei muito sobre a analogia do cocô como nossa primeira obra de arte, sobre como ninguém nunca tinha me falado disso.

Pode parecer extremo, mas talvez estaria ao nosso alcance lograr ampliar essa analogia

para o resto dos nossos erros (ou para aquelas coisas que não são erros, mas simplesmente decisões que tomamos no caminho), encarar cada decisão que tomamos como uma extensão/produção do que somos e entender que o valor não está em se ela dá certo ou errado, mas no fato de que é nossa.

Eu já estive com pessoas que tentam ser tão perfeitas que parece até que a ida ao banheiro delas é diferente. Como minha mãe sempre me disse: "Ele se acha tão bom como se seu cocô saísse cheirando a rosas". Mas é importante lembrar que ninguém faz cocô cheirando a rosas (nem o bebezinho mais fofo) ou é livre de cometer erros, por melhor que ache que seja. Então por que continuar nessa luta sem propósito?

Olhando para trás, meus erros parecem muito insignificantes, e me pergunto por que me cobrei tanto, por que sofri de tal maneira por causa deles.

Se eu pudesse voltar no tempo e fazer tudo outra vez, não teria levado tão a sério meus deslizes ou os dos outros, e teria curtido mais todos eles.

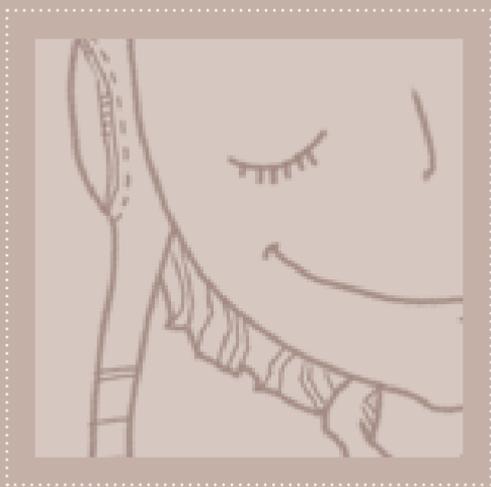
VÍDEO SUGERIDO

J. K. Rowling – The fringe benefits of failure

(Os benefícios adicionais do fracasso):

www.ted.com/talks/jk_rowling_the_fringe_benefits_of_failure.html





Capítulo 11

SONHAR É DE GRAÇA

.....
"Eu não sonho à noite – eu sonho todos os dias, eu sonho para viver." – S. SPIELBERG
.....

Outro dia uma jovem de quinze anos me perguntou:

"Mas o que eu faço se não tenho sonhos?"

Confesso que fiquei perplexa e que não consegui responder direito.

"Como assim?", perguntei. "Todo mundo têm sonhos – você não sonha em viajar para algum lugar? Ou fazer alguma coisa de que gosta muito? Ou em ter namorado?"

Mas ela se manteve firme e insistiu que não tinha nenhum sonho, que não conseguia pensar em nada. Achei que talvez fosse uma forma de chamar a atenção, mas fiquei perturbada e comentei com um conhecido, que me deixou ainda mais perturbada com o seu comentário, porque o admiro muito.

"Talvez seja melhor que não tenham sonhos mesmo. Dado o jeito em que o mundo está, talvez seja melhor que não se coloquem em condições para sofrer decepções", falou me olhando sério. Essa foi a resposta de uma das pessoas mais sonhadoras e realizadoras que já conheci.

Sim, talvez essa seja a opinião de alguém que já está perto dos setenta ou oitenta anos de idade e que acha que a vida não tem muito mais a oferecer. Mas e alguém que está apenas começando a vida? Isso quer dizer que temos que prevenir os jovens contra os sonhos?

Dica #1 Não sonhe porque você pode se decepcionar?

Mas não era o ato de sonhar uma parte intrínseca de ser jovem? Assim como a acne e a rebeldia? Quem está fechando as janelas que permitiam aos jovens sonhar? Será que as novas gerações já vêm predispostas a ser mais práticas e pragmáticas para compensar o que nós jamais fomos?

Nossa, eu fiquei perturbada mesmo.

Talvez porque eu já sonhei muito e fiz tanta maluquice.

Já sonhei que seria bailarina quando tinha nove anos, e era apaixonada pelas minhas aulas de balé e pelas sapatilhas rosa que tinha que usar. Já sonhei que seria pintora e faria quadros no estilo de Matisse, com figuras abstratas e coloridas. Já sonhei que seria artista, quando era bem pequena e assistia à premiação do Oscar com minha mãe, observando aquelas artistas tão lindas e glamourosas vestidas como princesas. Já sonhei que seria descoberta como designer de joias quando vim para o Brasil e comecei a fazer bijuteria para vender minhas peças de flores secas e crochê na Praça Benedito Calixto, em São Paulo. Já sonhei que seria a versão feminina de Jacques Cousteau quando fui fazer minhas aulas de mergulho em Utila, uma ilha na Bahia de Honduras, e fiquei cuidando de iguanas para poder dormir na estação de pesquisa de graça.

Muitos foram os sonhos transitórios que duraram muito pouco, mas não acho que perdi nada por ter me permitido sonhar com eles e, em alguns casos, correr atrás de objetivos.

Já sonhei que seria designer de roupas em Milão quando terminei meu mestrado e me encantei com a elegância e o físico dos italianos.

Já sonhei ser tanta coisa: princesa, cantora, executiva, nômade, cigana, mãe de oito filhos, a versão moderna de

Madre Teresa, marinheira, roteirista, jornalista, escritora, triatleta e até mágica.

Muitos foram os sonhos transitórios que duraram muito pouco, mas não acho que perdi nada por ter me permitido sonhar com eles e, em alguns casos, correr atrás de objetivos. Sempre me interessei por coisas que pareciam legais e interessantes de viver.

Quando eu era pequena, nós morávamos em um condomínio no topo de uma montanha que ficava longe da cidade e que tinha muitos lotes sem construções que estavam cheios de mato e árvores. Meus irmãos e eu gostávamos de construir barracas com os ramos das árvores e imaginar que éramos personagens de Sherlock Holmes resolvendo algum mistério. Minha mãe gostava de pintar e passava dias fechada no quarto, que tinha virado estúdio, passando minúsculas e delicadas camadas de tinta sobre pratos de porcelana. Meu pai gostava de criar orquídeas, e passava a maior parte dos fins de semana plantando e transplantando as pequenas mudas na linda estufa que ele tinha construído no jardim da nossa casa.

Enquanto ele inspecionava suas plantas e cortava as raízes e folhas mortas, eu gostava de sentar no fundo da estufa, embaixo de uma das mesas de madeira, pensando nas pessoas que conheceria ao redor do mundo. Na época não tínhamos internet, mas existia um negócio que se chamava *penpal*, que era o sistema para fazer amigos em outros países pelo qual a gente podia escrever cartas, e eu sonhava em algum dia ter uma rede de *penpals* ao redor do mundo.

Nesses sonhos de criança, nunca imaginei que iria viajar pelo mundo como viajei, nem que iria conhecer todas as pessoas que conheci, mas meu coração estava cheio de emoção e felicidade por tudo o que uma vida internacional poderia ser. Minha cabeça já voava bem longe dos cantos da estufa do meu pai e não conhecia limites ou medo. Naqueles dias, tudo era possível.

Ao nos tornarmos adultos, perdemos um pouco dessa ingenuidade e da emoção que sentimos quando ainda acreditamos que dá para transformar os nossos sonhos em realidade.

Ao nos tornarmos adultos, perdemos um pouco dessa ingenuidade e da emoção que sentimos quando ainda acreditamos que dá para transformar os nossos sonhos em realidade.

Lembro que em um dos meus encontros com Katie, quando

já éramos 'adultas' e tínhamos obtido trabalhos e outras vitórias que nos permitiam viajar o mundo, falamos sobre os nossos sonhos e como muitas das coisas não eram como nós as tínhamos imaginado. Tínhamos vinte oito anos e decidimos nos encontrar por alguns dias na linda cidade de Paris. Eu estava no meio de meu MBA infernal a uma hora e pouco da capital francesa, e ela trabalhava em uma missão das Nações Unidas que a tinha enviado para Kosovo. Como o lugar era muito inóspito e estressante nesse período pós-guerra, a cada dois meses e pouco ela recebia uma mensalidade e férias para sair do país e recarregar suas energias.

Mas nenhuma das duas estava muito contente com o que tinha conquistado, e passamos a maior parte do nosso tempo conversando sobre como as nossas vidas não tinham se encaminhado como tínhamos imaginado. Também discutimos muito o que na época chamamos de "desmistificação dos sonhos" e que achávamos que nos fazia soar muito "adultas" e "experientes". O resto do tempo passamos comprando roupas novas, imaginando que os nossos modelitos iam nos ajudar a reinventar nossas vidas, e comendo saladas e baguetes para não engordar nenhum quilo indesejado.

O engraçado é que não percebemos em nenhum momento que estávamos de fato vivendo um sonho, que lá atrás, quando estávamos enfiando melecas no bebedor de água e sendo chamadas de cavalos pela professora, não tínhamos imaginado que um dia iríamos conseguir nos reunir para um jantar em Paris.

Depois de muitos anos, estávamos nos reunindo, cada uma por conta e méritos próprios, do outro lado do mundo, e a única coisa que fazíamos era reclamar e olhar para tudo o que não tinha dado certo nas nossas vidas – que naquela época tinha muito a ver com o fato de que também não tínhamos arrumado namorado, mas não era fácil para duas mulheres como nós, independentes e teimosas, que não tínhamos muita disposição para ter que responder às exigências de mais alguém.

Tínhamos alcançado um sonho de infância, só que já adultas não conseguíamos enxergar a importância das nossas conquistas e do momento. E essa cena se repetiu mais algumas vezes, na Guatemala e em Nova Iorque (onde Katie também trabalhou), onde também passamos um jantar inteiro ponderando sobre a nossa famosa "desmistificação dos sonhos" e sobre como era melhor encarar a realidade da vida com um bom senso de humor do que continuar tendo sonhos infantis e irreais.

Continuei com essa visão mais cínica e adulta até que conheci alguém que realmente conseguiu realizar seu sonho – são poucos os que realmente não desistem deles, então não é algo que acontece todo dia, mas, quando acontece, nos faz abrir os olhos e lembrar o que se sente e acreditar que podemos tornar real.

Conheci o Dan por meio do meu trabalho na FIAP, quando começamos a explorar a nossa parceria com a Singularity University, uma faculdade inovadora baseada no Vale do Silício. Em um contexto muito tecnológico e futurista, ele era o único palestrante que falava sobre a importância de seguir os próprios sonhos, a via principal que nos une a todos e que, por mais cínicos e pragmáticos que consigamos fingir que somos, continua sendo muito importante, independente das nossas idades.

Mas o que mais me impressionou da palestra dele foi a sua própria história, já que desde criança ele sonhava em ser astronauta e,

depois de muitos anos e muita perseverança, finalmente tinha conseguido alcançar seu sonho.

Na palestra, Dan compartilhou sua história e contou que, quando era criança, ele falava para todo mundo que queria ser astronauta. Ninguém olhava feio para ele, já que nessa idade os adultos acham engraçado quando uma criança fala algo assim, muitas outras também querem ser astronautas. Mas, conforme foi crescendo, ele percebeu que deixou de ser legal falar que queria ser astronauta, porque as pessoas já não achavam mais engraçado e nenhum dos outros jovens comentava que queriam viajar para o espaço também. Assim, com doze anos, ele parou de falar de seu sonho e o manteve em segredo, mas ele sabia em seu íntimo que queria ser um astronauta.

Esse sonho o acompanhou durante todos os seus anos de escola e ainda na faculdade. Nesse período, ele pesquisou e descobriu que, para ser astronauta, ele não precisava estudar a fim de se tornar piloto, já que isso ele aprenderia assim que fosse aceito no programa espacial. Em vez disso, ele precisava estudar algo que fosse complementar e que pudesse ser útil dentro da nave espacial. Assim, ele decidiu estudar medicina e acabou se tornando professor de uma faculdade nos Estados Unidos.

Ao mesmo tempo, ele começou a se candidatar ao programa de astronautas da NASA e a receber suas doses de rejeição, que foram se acumulando ano após ano. Mas, mesmo após dez anos de inscrições para o programa, e de ser rejeitado em todas, ele continuou com seu sonho e persistiu em suas tentativas. Assim, passaram-se vários outros anos até que um dia, quando ele foi pedir para o reitor da faculdade escrever uma recomendação, ele levou um susto.

"Mas você não percebeu que está muito velho para sonhar em ser astronauta?", perguntou o reitor.

Assustado, Dan entrou em contato com a NASA para verificar se, de fato, ele estava muito velho e já tinha perdido a sua chance por isso. Já estava casado e com dois filhos, mas no seu coração ele ainda queria voar para o espaço.

E qual foi a surpresa dele quando a pessoa que analisava as inscrições da NASA respondeu que não, ele ainda não estava muito velho e eles já o conheciam; ele poderia continuar candidatando-se. Aliviado, ele continuou e, no ano seguinte, depois de 16 anos de tentativas frustradas, finalmente ele foi aceito no programa espacial da NASA.

Ele contou como se sentiu no primeiro dia em que foi ao programa e entrou na sala de aula, e, pela primeira vez na vida, se viu rodeado de pessoas que tinham o mesmo sonho desde que eram crianças. Pela primeira vez em sua vida.

Não é surpresa que tantos de nós desistimos dos nossos sonhos quando começamos a nos sentir alienados e envergonhados, porque os outros param de falar sobre os seus próprios. E aí acontece um efeito viral: se um não fala, o outro não fala, e por aí vai. Logo mais ninguém fala de seus sonhos por causa da vergonha ou do medo do que os outros diriam, e todos se acostumam a mais famosa (e batida) frase na linguagem dos adultos:

"A vida é assim."

Mas, quando uma pessoa tem a sorte de conhecer alguém como Dan, percebe que não é bem assim, que contaram uma grande mentira e que a vida não é desse jeito! E, então, surge uma vergonha enorme, não a clássica do "o que diriam", mas a vergonha de não ter corrido atrás de seus próprios sonhos. A vergonha de que, tendo tudo nas mãos, a pessoa deixou-se vencer sem sequer ter tentado e se encheu de um monte de desculpas que, na frente de alguém como Dan, dão vergonha.

O que é mais legal de conhecer alguém como Dan é que você percebe a diferença de alguém que alcançou seu sonho em relação ao resto das pessoas com que convivemos no dia a dia. Alguém que realizou seu sonho tem outro tipo de energia, de felicidade e não precisa demonstrar ou se vangloriar das suas conquistas.

Alguém que conquistou seus sonhos deu o sentido para sua vida que queria dar e não se deixou influenciar pelas verdades dos demais.

Alguém que conquistou seus sonhos deu o sentido para sua vida que queria dar e não se deixou influenciar pelas verdades dos demais. A felicidade que ele transmite é bem diferente da felicidade de adquirir um objeto novo, é mais leve, mais alegre, é a felicidade que sentíamos

quando éramos crianças ao procurar novas formas de nos divertir e acreditar que algum dia nossos sonhos iam virar realidade.

Tive o grande privilégio de conhecer e engatar uma amizade com o Dan e ver como se comporta uma pessoa que alcançou tanto. Ele sempre está muito motivado para conhecer jovens e inspirá-los a seguirem seus sonhos, prefere almoçar ou passar tempo com um jovem desconhecido do que com alguém em uma alta posição executiva. O que é muito diferente do caso do restante dos adultos, já que a maioria não tem tempo para jovens desconhecidos e quer mesmo é estar perto de outros adultos famosos ou reconhecidos. Assim, quem sabe um pouco da sorte recai sobre si e o ajuda a conquistar mais vitórias adultas? Raramente os adultos têm tempo para ser generosos com um jovem que não vai trazer algo de valor para eles.

Mas o Dan é diferente, ele não precisa de favores ou da sorte de outros, ele já fez seu caminho. E ele sempre pergunta para as pessoas, independentemente da idade:

"E aí? Qual é o seu sonho?"

A maioria, não importa a idade, fica nervosa ou envergonhada e fala que não sabe ou que ainda não pensou nisso, mas o Dan insiste:

"E o que você está fazendo para alcançar o seu sonho?"

Aaah, mas me falaram que não dá para fazer isso, muitos respondem. E ele olha fixo e afirma:

"Aqueles que lhe falaram que não dá para fazer são aqueles que não seguiram seus próprios sonhos."

Recentemente tive de novo o enorme privilégio de conhecer mais alguém que também conquistou seus sonhos. Apesar de ser muito mais jovem do que o Dan e de ter percorrido um caminho bem diferente, a energia e felicidade que ele emana é muito similar. E ele mostra a mesma generosidade e seriedade quando questiona os sonhos dos outros: "Como assim você não acredita no seu sonho?" Na visão dele, não existe outra opção.

Trata-se de Eduardo Lyra, jornalista e escritor do livro *Jovens falcões*, de 24 anos. Parecido com Dan, a idade também não foi um empecilho e, da mesma forma, ele alcançou seu sonho. Ele sonhou com mudar o mundo através de sua escrita, e não deixou que sua origem humilde, sua falta de contatos ou de experiência o impedissem. Aos 22 anos publicou seu primeiro livro. Ouvi-lo falar nos faz sentir tanta vergonha, vergonha de ver quantos recursos e quantos momentos das nossas vidas nós desperdiçamos por ter medo do que diriam e enchendo-nos de desculpas sem valor algum. Semelhante ao Dan, ele também nos faz sentir quão grande é o nosso potencial se tão só nos permitimos sonhar.

Meu filho mais velho tem cinco anos e meio, e há alguns meses me perguntou por que o amiguinho tinha mais brinquedos do que

ele. Eu respondi que isso não importava, porque ele tinha mais imaginação que o amigo, o que valia mais do que os brinquedos.

"Já sei!", respondeu, emocionado. "Como eu tenho mais imaginação, posso imaginar que eu tenho mais brinquedos que ele!"

Como sempre, me surpreendeu com sua criatividade e capacidade de raciocínio.

Foi pensando nele e no meu outro filho, em todos os adultos que conheço que vivem frustrados com seus trabalhos ou suas vidas e nos jovens que se questionam se dá ou não para fazer algo que pensei em escrever este livro.

Muitos sonhos são destruídos por pessoas bem intencionadas que não souberam alcançar os seus próprios sonhos e que não conseguem mostrar para aqueles que perguntam que a vida não é assim, porque tudo o que eles conhecem é assim.

Mas a vida NÃO é assim, NÃO precisa ser assim e todos nós deveríamos ao menos nos permitir uma vida cheia de sonhos e mais sonhos, e uma imaginação e ingenuidade tão fantásticas e grandes como aquelas que tínhamos quando éramos crianças. Sonhar é de graça e, no pior dos casos, ao menos vai nos diluir um pouco e tornar a vida bem mais divertida e interessante do que para aqueles que não se permitem sonhar por medo de parecer ridículos ou infantis.

E, se tiver que resumir tudo em poucas linhas, seria bem simples:

Adulto = A vida é assim

Jovem = A vida é assim?

Sonhador = A vida não é assim

REFERÊNCIAS

BRADBURY, Ray. "O foguete". In: *Uma sombra passou por aqui*. São Paulo: Edibolso, 1976.

BUSCAGLIA, Leo. *Vivendo, amando Et aprendendo*. 29. ed. Rio de Janeiro: Nova Era, 2006.

JOB, Steve. *Você tem que encontrar o que você ama*. Discurso dirigido a formandos da Universidade Stanford em 2005. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=s9E6XfJPAMM. Acesso em: 9 nov 2012.

LAMOTT, Ann. *Bird by bird – some instructions on writing and life*. New York: Pantheon Books, 1994.

MACHADO, Antonio. "Proverbios y cantares". In: *Poesías completas*. 14. ed. Madri: Espasa Calpe, 1973.

SEELIG, Tina. *Se eu soubesse aos 20...* São Paulo: Editora Da Boa Prosa, 2011.



"Descubra um roteiro totalmente fora do padrão estipulado pela sociedade – que te fará sonhar e realizar. Neste livro você terá a certeza que todo mundo pode ser tão grande, tão apaixonado, tão diferente, tão louco, quanto quiser."

- EDUARDO LYRA, ESCRITOR DE *JOVENS FALCÕES*

"Mais do que um manual, uma história escrita com amor e coragem. Conhecia o trabalho incrível da Nathalie semeando sonhos e sonhadores, seja através da TEDx ou do Brasil 2.0. Agora conheço a Nathalie e, na sua energia contagiante, vi um espelho."

- AMIT GARG, EMPREENDEDOR E INVESTIDOR

"O nosso mundo nos suga demais para a "realidade" e, nele, a palavra "sonhador" às vezes carrega uma conotação negativa. Mas com *Manual para Jovens Sonhadores*, Nathalie nos mostra de uma forma leve, sincera e bem-humorada, que sonhar vale a pena."

- CLAUS BLAU, PENSADOR COMPLEXO

SOBRE A AUTORA

Nathalie Trutmann se autointitula uma sonhadora, mas seu trabalho tem tudo a ver com colocar as coisas em prática. É diretora de inovação FIAP e está comprometida com motivar mais o empreendedorismo, a coragem e o protagonismo pessoal na educação, assim como com implementar iniciativas que transformem a experiência educacional dos jovens. Ela lidera na FIAP a parceria com a Singularity University e é embaixadora da Singularity University no Brasil.

Também realiza palestras sobre inovação e educação empreendedora, e é idealizadora da plataforma brasil20.org, na qual reúne histórias inspiradoras de empreendedores digitais para motivar empreendedores aspirantes. É formada pelo INSEAD e pela UCSD, e já trabalhou e circulou pelo mundo antes de aterrissar no Brasil.

Para fazer o download deste livro, acesse:
www.manualparajovenssonhadores.com

Esta obra está licenciada sob Creative Commons –
Atribuição – Uso não-comercial – Vedada a criação
de obras derivadas 2.5 Brasil.

